



DO 'SER' AO 'É QUE': tudo na língua é funcional

**homenagem a João Bosco
Figueiredo Gomes**

Wellington Vieira Mendes
(Organizador)

 **EDITORA**
IF Sertão PE



DO 'SER' AO 'É QUE': tudo na língua é funcional

**homenagem a João Bosco
Figueiredo Gomes**

Wellington Vieira Mendes
(Organizador)

 **EDITORA**
IF Sertão PE

E-BOOK
Wellington Vieira Mendes
(Organizador)

Do ‘ser’ ao ‘é que’: tudo na língua é funcional

**homenagem a João Bosco
Figueiredo Gomes**

Ana Flávia Matos Freire
Anikele Frutuoso
Antônio Luciano Pontes
Carla Daniele Saraiva Bertuleza
Francisca Maria de Souza Ramos Lopes
Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva Meira
José Roberto Alves Barbosa
Maria Medianeira de Souza
Mariângela Rios de Oliveira
Orlando Vian Junior
Victor Rafael do Nascimento Mendes
Wellington Vieira Mendes

Do 'ser' ao 'é que': tudo na língua é funcional (homenagem a João Bosco Figueiredo Gomes)
Wellington Vieira Mendes (Org.)

IFSertãoPE:

Maria Leopoldina Veras Camelo

Reitora

Maria do Socorro Tavares Cavalcanti

Pró-reitoria de Ensino

Francisco Kelsen de Oliveira

Pró-reitoria de Pesquisa Inovação e Pós-graduação

Vitor Prates Lorenzo

Pró-reitoria de Extensão e Cultura

Jean Carlos Coelho de Alencar

Pró-reitoria de Orçamento e Administração

Alexandre Roberto de Souza Correia

Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional

<i>Projeto gráfico e revisão:</i>	Matteus Leite de Mesquita
<i>Foto da capa:</i>	Arquivo pessoal de João Bosco Figueiredo Gomes
<i>Fotos no corpo do livro:</i>	Arquivo dos autores/familiares (cessão para o organizador da edição)
<i>Editora:</i>	IFSertãoPE
<i>Conselho Editorial:</i>	Francisco Kelsen de Oliveira – Propip IFSertãoPE Jane Oliveira Perez – Cedif IFSertãoPE Marcio Rennan Santos Tavares – Proext - IFSertãoPE Ana Christina da Silva Bezerra – SIBI - IFSertãoPE André Ricardo Dias Santos - IFSertãoPE Andrea Nunes Moreira de Carvalho - IFSertãoPE Leilyane Conceição de Souza Coelho – UPE Domingos Diletieri Carvalho - IFSertãoPE José Ribamar Lopes Batista Júnior - UFPI Manuel Rangel Borges Neto - IFSertãoPE Paulo Gustavo Serafim de Carvalho - UNIVASF Rafael Santos de Aquino – IFSertãoPE.

Direitos Reservados à **Editores IFSertãoPE**

Os capítulos e informações contidas no livro são de inteira responsabilidade de seus autores.

© do texto: Wellington Vieira Mendes, 2023

© da edição: Editora IFSertãoPE, Petrolina, Pernambuco, 2023

Catálogo:

M538s Mendes, Wellington Vieira

Do 'ser' ao 'é que': tudo na língua é funcional (homenagem a João Bosco Figueiredo Gomes)/Wellington Vieira Mendes (orgs.). – Petrolina: PE, Editora IF Sertão-PE, 2023.
550 kb ; pdf.

Vários autores

ISBN: 978-65-89380-11-5

1 Funcionalismo. 2. Ser. 3. É que.

I. Mendes, Wellington Vieira. II. Figueiredo-Gomes, João Bosco.

CDD 469

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária Ana Christina Bezerra CRB4-2311

Sumário

Agradecimentos **9**

Apresentação **10**

Acerca dos verbetes **12**



livro I
dos verbetes

INTRODUÇÃO: tema, organização e objetivo **14**
Wellington Vieira Mendes

CONSTRUÇÃO GRAMATICAL **19**
Antônio Luciano Pontes

CONTEXTO DE CULTURA/CONTEXTO DE SITUAÇÃO **22**
Wellington Vieira Mendes

GRAMATICALIZAÇÃO **25**
Carla Daniele Saraiva Bertuleza

ICONICIDADE **28**
Mariângela Rios de Oliveira

livro I
dos verbetes

METAFUNÇÃO 31

José Roberto Alves Barbosa

MODO/MODALIDADE I 34

Orlando Vian Junior

MODALIDADE II 39

Ana Flávia Matos Freire

SISTEMA DE CONJUNÇÃO 47

Wellington Vieira Mendes

SISTEMA TEMÁTICO 52

Maria Medianeira de Souza
Wellington Vieira Mendes

SUBSISTEMA DE ATITUDE 55

Guianezza M. de Góis Saraiva Meira

TERMINOLOGIA 58

Victor Rafael do Nascimento Mendes

TRANSITIVIDADE 61

Anikele Frutuoso





livro II dos causos

Deixa pra chorar depois **65**
Ana Flávia Matos Freire

Entre PIBIC e Doutorado: experiências e aprendizados **68**
Anikele Frutuoso

Brilhante aluno, competente professor **70**
Antônio Luciano Pontes

Ser aluna, ser orientanda: ciclos de vida com o Bosco **71**
Carla Daniele Saraiva Bertuleza

A posição da enxada/inchada **73**
Francisca Maria de Souza Ramos Lopes

Por mais “Segundas sem lei”! **75**
Guanezza M. de Góis Saraiva Meira

livro II dos causos

Entre tapiocas e artigos: amizade de doutorado **77**

José Roberto Alves Barbosa

Do cabeludo Jesus-roqueiro ao boy cinquentinha **80**

Maria Medianeira de Souza



O pessoal gostaro? **83**

Orlando Vian Junior

A amizade como “evento” **85**
Victor Rafael do Nascimento Mendes

A carne da semana **89**

Wellington Vieira Mendes

PARA

além dos livros

REFERÊNCIAS 92

LEITURAS SUGERIDAS 102

ÍNDICE: ENTRADAS EM INGLÊS 105

ÍNDICE REMISSIVO 106

SOBRE OS AUTORES 112

Agradecimentos

Ao IFsertãoPE, nas pessoas de seu Pró-reitor de Pesquisa Inovação e Pós-graduação, o Prof. Kelsen Oliveira, e da Profa. Patrícia Lourenço, coordenadora do Dinter PPGL/Uern-IFSertãoPE. Sem a sua mobilização junto à Editora do Instituto, essa homenagem não seria possível.

À Capes pelo apoio financeiro na editoração do livro.

Ao PPGL/Uern pelo incentivo de gratidão ao docente que contribuiu fortemente para o primeiro Dinter de que participamos como IES promotora.

Aos amigos e às amigas, colegas de trabalho de Bosco, que se dispuseram a contribuir com a produção deste material.

A Cláudia Figueiredo que compartilhou fotos do acervo familiar e autorizou seu uso aqui.

Apresentação

O rapazinho que está à direita do Fusca ao lado do pai, Aluísio (e dos irmãos Francisco Figueiredo, Claudinha e Figueiredinho do outro lado), é o Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes. A cena que ilustra a capa é de um típico domingo da família Figueiredo na praia de Icapuí/CE, lá pelos anos de 1970.

Por mais inclinados que sejamos a pensar a vida em termos de linearidade, é a própria dinâmica da trajetória que nos surpreende com seus modelos em nada convencionais ou sequenciais, sendo possível grandes saltos para trás ou para frente sem que tenhamos necessariamente de sair do tempo ou do lugar.

Bosco, como vou me referir a partir de agora (e como é por todos conhecido!), permanece nessa trajetória livre e (in)disciplinada de saltos de lá e de cá – “sempre em movimento” – como já foi brilhantemente dito acerca Oliver Saks em sua biografia. Bosco não saiu conduzindo o Volkswagen, mas aceitou desde cedo os riscos e recompensas que são possíveis na carreira acadêmica, com toda a sorte de aprendizados, de aborrecimentos e de inevitáveis crescimentos de ordem pessoal e profissional – especificamente para quem se organiza para a saída em tempo certo, não em certo tempo.

Em maio de 1994, saiu de Fortaleza/CE para Assú/RN a fim de se submeter ao concurso de provas e títulos. A partir daí, assumiu a função de professor do magistério superior na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Em novembro de 2021, por decisão sua e reunindo as condições legais, aposentou-se.

Dirigiu a si mesmo e a “veículos” capazes de promover/conduzir pessoas, processos e descobertas de ordem técnica e científica que fazem de sua passagem na UERN um exemplo na iniciação científica (também eu fui um de seus alunos de IC), na institucionalização de pesquisa, no financiamento por editais, na orientação de graduação e de pós-graduação e na colaboração direta para a conquista do primeiro doutorado interinstitucional de que a UERN participa como IES promotora em parceria com IFSertãoPE.

Eunice Durham, quando apresenta Malinowski na famosa monografia dos “Argonautas do Pacífico Ocidental”, faz uma descrição a que me apetece vincular a Bosco: como pessoa extremamente afetiva, ele tem, a exemplo do antropólogo, a capacidade simultânea de simpatia e de intolerância, fazendo dele o sujeito que é querido por uma infinidade de pessoas e que pode surpreender, de pronto, a tantas outras!

Portanto, este livro, que está dividido em dois, configura o esforço de manter na memória dos sujeitos da academia, especialmente nos *campi* avançados em que atuou na UERN, e por que não dizer da própria Instituição, uma parte significativa dos conceitos e conceptualizações teórico-metodológicas com as quais Bosco trabalhou – isso tentamos fazê-lo na primeira parte. Na mesma direção, situando o professor como humano que se insinua tão específico em *espaçotempo* de tantos padrões, a segunda parte (ou livro II) recupera

alguns “causos” que devem permitir aos leitores conhecer o quanto a discrição, a disciplina, o espírito forte, o bom humor, a simplicidade e a ética podem fazer a diferença no competitivo espaço da academia.

Tenho dito que a experiência da volta é quase sempre mais valiosa do que aquela do empreendimento de ir. Igualmente, sou afeiçoado a pensar que a saída é mais marcante que a entrada (a exemplo dos atores/personagens e de suas cenas em palco).

O meu amigo e agora ex-colega de trabalho sabe bem a hora de sair, sem cobrar floreios e sem necessidade de aplausos.

Minha obrigação, por outro lado, era é de garantir que isso não ocorresse à sua maneira discreta. E aqui está o livro que não corresponde à proporção de seu trabalho, mas dá conta dos afetos e do espírito curioso e criativo que deve mobilizar aqueles professores/pesquisadores que virão depois de nós mesmo que ainda sejamos e estejamos.

O organizador

Acerca dos verbetes

entrada

Correspondência em inglês



GRAMÁTICA [*GRAMMAR*]

Gramática, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, corresponde a um sistema de produção de significados que se apoia em escolhas do eixo paradigmático e do eixo sintagmático, e que equivale a compreender os mecanismos envolvidos na seleção, em um dado conjunto de possibilidades, em determinada condição/situação, de certas unidades linguísticas (com função específica) em detrimento de outras que, teoricamente, teriam um valor significativo aproximado, conforme se pode entender de Michael Halliday e Christian Matthiessen (2004). Por outro modo de dizer, os fatores envolvidos nas possibilidades de escolhas e, conseqüentemente, de significação: por que se disse X, de tal forma, e não Y, de modo tal?

Termo em grifo pelo(a) autor(a)

Termo que constitui verbete autônomo

Remissão à bibliografia no final do volume

▪MAH



Leitura sugerida, com lista específica no fim do volume.

INTRODUÇÃO: tema, organização e objetivo

O título deste livro é uma reunião de duas produções importantes da formação acadêmico-científica do Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes: sua dissertação de mestrado defendida em 1999 e de sua tese de doutoramento, em 2008.

Na primeira produção, o item lexical ‘ser’ foi estudado por ele, tendo como orientação a trajetória que esse elemento percorre até chegar a funcionar como item gramatical de afirmação no dialeto de Fortaleza/CE. A pesquisa de mestrado se ocupou das funções mais frequentes que o ‘ser’ podia assumir, desde o seu sentido denotativo referencial (léxico), como verbo pleno e como auxiliar e, por último, com função discursiva de ênfase ou preenchedor discursivo (“– Tava lá no conjunto? – Era!” – adaptado de FIGUEIRDO-GOMES, 1999). Os resultados da pesquisa confirmaram a hipótese e reforçaram a literatura em torno do caráter multifuncional que o item assume no uso. O trabalho contou com dois *corpora* organizados pelas professoras Socorro Aragão e Maria Elias Soares, numa época de muita produção de materiais linguísticos resultantes de situações de interação documentada por gravação de áudio e consequentes transcrições. A diferença é que não havia tantos recursos eletrônicos para fazer aquilo que consideramos “braçal” num trabalho com dados linguísticos de grande monta.

Na tese, a orientação de base funcionalista com respeito à gramaticalização se voltou para o ‘é que’, com organização de um *corpus* robusto, formado por textos portugueses do século XII ao século XVIII e das 1ª e 2ª metades dos séculos XIX e XX do português brasileiro, com agrupamento por gênero e período. A exemplo do trabalho de mestrado, aqui também pode constatar como o ‘é que’ admite significados mais abstratos nos textos a partir de sentidos mais concretos, assumindo funções como a de marcar ênfase e, em várias circunstâncias, marcador epistêmico de asseveração por explicação, contraste ou interrogação (“Já era tarde para fugir, se é que ela nunca teve tal ideia [...]” – cf. FIGUEIREDO-GOMES, 2008, p. 267).

Do ‘ser’ ao ‘é que’ revela a trajetória de um pesquisador ocupado de entender a língua(gem) a partir de sistemas indissociáveis dos sujeitos que dão/criam significados/sentidos para si, para suas atividades, para criar os mundos (ainda não) percebidos. Penso que, não por acaso, boa parte do que compreendemos por funcionalismo deriva da proposição antropológica de Bronislaw Kasper Malinowski – ainda que possamos ter certas reservas em relação ao empreendimento com os nativos da melanésia. Entender a língua/linguagem por essa perspectiva significa pensar o humano na sua inteireza e que, portanto, constrói sistemas nos quais a própria língua se configura e igualmente os ressignifica. Tudo na língua é funcional!

Muito provavelmente, o estudante de graduação deve ter certa dificuldade de compreender o paradigma da gramaticalização e o porquê de ele ser tão relevante no estudo dos processos de variação e mudança linguística. Sugiro que os trabalhos de Bosco possam nos servir de motivação: basta pensar como os usos de ‘logo’, ‘depois’, ‘assim’ e tantos outros podem assumir em nossas interações cotidianas – mas não apenas por isso! Foi a curiosidade para romper a fronteira do que era conhecido daquilo que não era que levou os portugueses a fazer travessia do cabo do Bojador no sul do continente africano.

Por isso, ao mesmo tempo em que pretende homenagear e reconhecer o trabalho do Prof. Bosco Figueiredo, este livro é um convite às travessias, às trajetórias, ao rompimento de fronteiras e à necessidade de encontrar respostas novas para aquilo que já se pensava resolvido e/ou esclarecido.

Na expressão de homenagens como esta, é frequente que a organização de livros tenha absorvido o formato de revista, em que os autores participam com um texto em padrão de artigo, reunindo concepções teóricas e resultados obtidos a partir estudos de seus grupos de pesquisa e/ou de formação. Esse padrão é sempre importante e atualiza o leitor dedicado ao tema/assunto. Por outro lado, o discente da graduação pode ser ainda carente de textos mais introdutórios, cuja função não seja a de compreender um trabalho em seu plano global,

mas a motivação por um objeto que lhe desperte atenção enquanto sujeito de linguagem e como professor(a) de língua ainda em formação.

O formato livre que adotamos aqui tem a ver com suas possibilidades de remissão, interconexão. Os verbetes foram selecionados pelos(as) convidados(as) a partir daquilo com que trabalham e/ou dialogam com Bosco no espaço da pesquisa científica de orientação funcionalista. Não estão dispostos no padrão mais conhecido da normalização técnica. Optamos, por exemplo, e sempre que possível, pelos nomes completos dos pesquisadores/autores/cientistas tomados como referências pelos escreventes dos verbetes. O objetivo foi favorecer acesso do leitor e outras obras desses mesmos pesquisadores e até mesmo o conhecimento/contato com sua trajetória de trabalho e produção.

Há índice remisso que favorece a consulta por item referenciado em várias partes do livro e, também, a sugestão de leitura complementar organizada em uma lista específica, de forma que o leitor interessado pode aprofundar o assunto por meio de obra indicada por quem produziu o texto do verbete.

Priorizamos uso de vocabulário simples e acessível como condição de provocação e de curiosidade para leituras e buscas outras, não para esgotar ou validar tecnicamente o conceito/a definição, visto que o dizer ou o definir não está pronto e resolvido.

O livro tem como leitor principal o discente da graduação, e a finalidade primeira é que esse público possa ter contato com o funcionalismo (ao menos parte de suas conceptualizações), considerando-se que, nessa etapa da formação superior, os currículos da área de letras raramente contemplam essas abordagens na formação dos alunos. A segunda finalidade é que esses mesmos alunos conheçam o Prof. Bosco – não apenas pelo seu caráter de grande profissional, mas para entender sua trajetória nos *campi* avançados da UERN (especificamente de Assú/RN e Pau dos Ferros/RN) a partir dos causos contados por seus amigos/colegas e que se entrecruzam com as experiências de todos nós.

INTRODUÇÃO: tema, organização e objetivo

Por último, preciso registrar em agradecimento muito especial a Ana Flávia, Anikele, Luciano Pontes, Carla Bertuleza, Francisca Ramos, Guianezza Saraiva, Zé Roberto, Medianeira, Mariângela, Orlando e Victor Rafael – amigos e amigas queridos(as) que aceitaram o convite e entenderam a importância de participar deste volume de palavras, de sentimentos e de sentidos – um volume de coração!



livro I

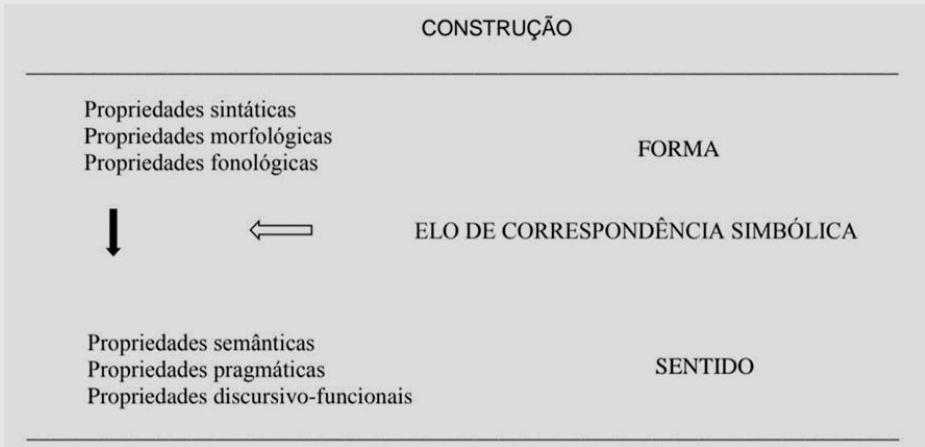
dos verbetes

CONSTRUÇÃO GRAMATICAL [*construction grammar*]

Pareamento simbólico entendido através da correspondência entre forma e sentido, na qual a forma compreende propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e o sentido compreende propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. **Contexto:** define uma construção como o emparelhamento de uma forma e um significado, em que a relação entre essas duas partes não é completamente arbitrária nem totalmente previsível, de modo que certos aspectos da forma ou do significado não podem ser derivados dos componentes da construção nem podem ser atribuídos a outras construções diferentes. **Contexto:** as construções (em um modelo baseado no uso-MBU) cobrem desde palavras monomorfêmicas a palavras complexas, expressões idiomáticas, conforme Joan Bybee (2016). De acordo com William Croft (2021), no modelo componencial a estrutura sintática, por exemplo, é organizada independentemente da correspondência com a estrutura semântica. Já o modelo construcional, fundamentalmente simbólico, é definido como pareamento de forma gramatical e significado correspondente da estrutura semântica (cf. fig. 1). **Contexto:** o MBU é aquele modelo que considera o sistema linguístico fundamentado em eventos de uso, ou seja, é uma perspectiva que nos fornece subsídios para compreender como o conhecimento linguístico é representado e armazenado na mente dos falantes, conforme Paulo Henrique Duque e Marcos Antonio Costa (2012, p. 142). **Contexto:** qualquer elemento linguístico (do morfema à cláusula) pode ser considerado uma construção, conforme Elizabeth Traugott (2008). **Contexto:** dado que não se admite divisão estrita entre léxico e gramática, o conceito de construção pode ser estendido a outros níveis da língua, além do sintático, devendo ser aplicado também a unidades menores que a oração, tais como as palavras e os morfemas. Sob o argumento de que léxico e gramática formam um continuum, defende-se que morfemas, palavras e construções complexas são pareamentos de forma e significado e diferem apenas em complexidade simbólica interna. O argumento dos funcionalistas para compreender a gramática em termos de construções é que os falantes sabem muito mais sobre uma língua além das regras bem gerais que dizem respeito a sujeitos, objetos, orações completivas e relativas, conforme Joan Bybee (2016, p. 128). Construção pode ser encontrado na gramática tradicional, no estruturalismo, no gerativismo, no cognitivismo, na

linguística de *corpus* e em diversas áreas do campo de investigação da linguagem humana, consoante Mariangela Rios de Oliveira e Ivo do Rosário (2015). Fillmore, Kay e O'Connor (1988) fizeram a primeira proposta explícita sobre as propriedades das construções. O argumento deles para compreender a gramática de construções é que os falantes sabem muito mais sobre uma língua além das regras bem gerais que dizem respeito a sujeitos, objetos, orações completivas e relativas. Fonte (Bybee, 2016, p.128). Cabe salientar que a noção de construção se apoia na de signo linguístico, proposto por Saussure (1970), isso porque a construção une, em par, uma forma (sintática e/ou fonética e fonológica) e um significado (funções semântica, pragmática e discursiva). Segundo Nedja de Lucena (2016), as construções gramaticais variam em complexidade e esquematidade: desde morfemas ou palavras, passando por estruturas frasais mais complexas até padrões textuais. Como afirma Joan Bybee (2016), não há fronteiras nítidas entre léxico e gramática, de modo que diferentes domínios, como sintaxe, semântica e pragmática, são inter-relacionados e interdependentes. As unidades da linguagem, suas Construções, são aprendidas, emergem do uso linguístico. Sua apreensão está diretamente relacionada à frequência de uso que dela é feito. Fonte (Ferreira, 2010, p. 117). Há existência de um continuum de construções gramaticais que se organizam segundo duas dimensões: grau de preenchimento e grau de complexidade estrutural interna. Assim, uma palavra como ZICO, p. ex., é inteiramente preenchida e estruturalmente simples, ao passo que a construção Bitransitiva é completamente aberta e sintaticamente complexa, ou seja, uma ponta do continuum corresponde tradicionalmente ao domínio do léxico, enquanto a outra ponta corresponde ao domínio tradicionalmente da sintaxe. Fonte (Pinheiro, p. 163).

Figura 1 - Estrutura simbólica de uma construção

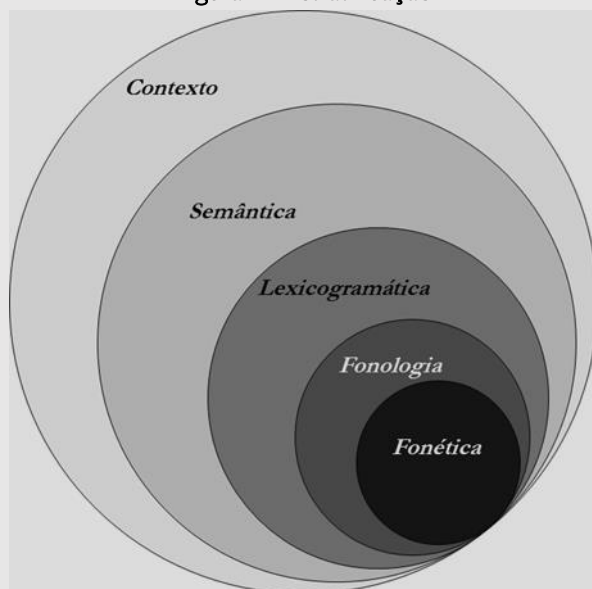


Fonte: (CROFT, 2021, p. 18)

CONTEXTO DE CULTURA [culture context]**CONTEXTO DE SITUAÇÃO** [situation context]

Para Michael Alexander Kirkwood Halliday, a língua/linguagem é proposta a partir de um **sistema social e cultural**, o que implica, necessariamente, interpretá-la dentro de um contexto sociocultural em que tal processo se realiza. Essa abordagem se classifica como sistêmica porque compreende a língua como redes de sistemas linguísticos, em cuja interconexidade configuram-se as possibilidades de significar e atuar no mundo. Dessa condição deriva sua natureza funcional, já que os significados é que explicam as escolhas mobilizadas na estrutura gramatical. Assim, a língua pode ser entendida como uma manifestação sócio-semiótica porque, no dizer de Michael Halliday e James Martin (1993), constitui-se como uma forma de representação da experiência humana quer seja na “realidade” presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja a “realidade” idealizada/construída em nossa mente, num plano mais abstrato, e todos os usos têm relação com as necessidades próprias de nossa relação com a comunidade. Uma boa maneira de compreender a linguagem pela formulação da LSF é admitir uma que os significados se realizam a partir de uma concepção “**metafuncional**” e estratificada, em que os sentidos interpessoais, ideacionais e textuais ocorrem simultaneamente para a construção dos significados no texto e em que, ao mesmo tempo, as escolhas em um estrato projetam construções no estrato seguinte. As escolhas no estrato grafonológico são a realização das escolhas do estrato léxico-gramatical. Estas, por seu turno, estão realizando escolhas no estrato semântico-discursivo, sendo que tais escolhas ocorrem em **contextos de cultura** e de **situações** distintos.” (VIAN JUNIOR; MENDES, 2015, p. 164). Essa conceptualização de realizações de sentidos por processo de estratificação é mais claramente expressa na Figura 1, em que Michael Halliday (1978) caracteriza o modelo semiótico de linguagem:

Figura 1 - Estratificação



Fonte: elaborada a partir Halliday (1978)

Essa organização estratificada é ampliada em James Martin (1992), especialmente para ampliar os sistemas que se manifestam no plano extralinguístico e remonta ao princípio teorizado por Bronislaw Malinowski, na primeira metade do século XX, de que os usos linguísticos são determinados por contextos. James Martin (1992, p. 496) acrescenta no sistema semiótico de nível superior a ideologia (discurso) e o contexto de cultura (gênero). No nível extralinguístico, as concepções de ideologia e de contexto de cultura são importantes porque, para uma descrição mais adequada da língua, necessário se faz agregar algo que esteja além da situação imediata de interação e da própria instanciação textual, tendo em conta que, no momento de enunciar qualquer mensagem, os sujeitos também carecem de conhecimento sociocultural mais amplo que lhes permita interpretar e dar sentido tanto ao que é verbalizado quanto ao que acontece durante a situação interativa. Nas situações reais de uso da língua, os contextos precedem os textos e, desse processo de instanciação, constitui-se também o sujeito que, por sua sucessão e reciprocamente, cria os contextos em que a linguagem significa. O discurso, por essa circularidade ininterrupta, pode ser

considerado como um potencial da cultura, da ideologia. Nesse ponto, e considerada a perspectiva sistêmico-complexa (cf. SILVA, 2016; MENDES, 2018), a aproximação com a conceituação de representação e “significados compartilhados” em Stuart Hall (2016) parece possível e viável, especialmente porque para ele a noção de cultura abriga intrinsecamente as ideias de signo, significado, semiótica, discurso. A relação com o nível extralinguístico da LSF deriva da ideia de cultura como local de criação e troca de significados por grupos em que se compartilham sentimentos, posições, práticas, senso de pertença. Portanto, é nessa rede de sistemas semióticos que se elabora a própria identidade do sujeito de linguagem, sendo ele continuamente (re)elaborado pelas experiências de interação com esses mesmos sentidos na/e a partir da interação social, nunca singular porque está exposto a “práticas historicamente específicas que perturbam o caráter relativamente ‘resolvido’ de muitas populações e culturas” (HALL; DU GAY, 1996, p. 4). No nível de estratificação intralinguística, é necessário recuperar que o contexto de situação (registro), mais imediato das situações em que o texto se instancia, pode ser responsável pelas condições que delimitam e influenciam o que é dito numa dada interação “e o que mais poderia ter sido dito ou escrito, mas não foi” (HALLIDAY, 1989, p. 46). O contexto de situação se constitui pelo entrelaçamento de três variáveis: (i) o campo (as atividades e natureza da ação em que estão envolvidos os participantes); (ii) as relações (os papéis que os participantes desempenham); e (iii) o modo (papéis da linguagem, o compartilhamento entre os participantes, o canal e o meio).

■ CFS

GRAMATICALIZAÇÃO [*grammaticalization*]

Gramaticalização na perspectiva funcionalista é visto de diferentes formas pelos estudiosos da área. Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 27), por exemplo, apresentam a evolução dos estudos linguísticos sobre gramaticalização de acordo com três propostas de trajetórias, quais sejam: (i) a versão de Meillet (1948), que concebe a gramaticalização como a passagem [+ lexical] > [- lexical]; (ii) a oferecida por Kurilowicz (1964), que adiciona ao cline de Meillet a passagem [-gramatical] > [+ gramatical]; (iii) as versões dos estudos atuais [qualquer material linguístico] > [+gramatical]. Meillet (1948) foi o primeiro estudioso a propagar o termo gramaticalização mostrando que se trata da passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical. Esse estudioso afirma que toda vez que um elemento linguístico é empregado, seu valor expressivo diminui e a repetição tende a desgastar esse elemento. É desse modo que novas formas são criadas em decorrência do desgaste gradativo das palavras. Depois da concepção de gramaticalização apresentada por Meillet (1948), o termo e as trajetórias começaram a ser apresentados de forma variada entre os estudiosos da área. A partir dos anos de 1970, aconteceu um resgate do papel das transformações diacrônicas nas explicações da sintaxe. A partir daí, gerou-se a ideia de que o discurso é que motiva as transformações que os elementos linguísticos sofrem e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade, ou seja, elas seguem do discurso para a gramática. Para Traugott e König (1991), a gramaticalização é um processo dinâmico, unidirecional e diacrônico, ou seja, por meio da evolução temporal, um item lexical adquire um estatuto gramatical. Já Traugott e Heine (1991) ressaltam que a gramaticalização se trata de um processo tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação. Autores mais recentes, como Bybee (2010), a gramaticalização é comumente definida como “o processo pelo qual um item lexical ou uma sequência de itens tornam-se um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo”. Além disso, a autora ressalta que, mais recentemente, tem sido observado que a gramaticalização de itens lexicais está ocorrendo em construções particulares, criando, assim, novas construções (BYBEE, 2003; TRAU-GOTT, 2003). Assim, para a autora, não se pode dizer apenas que um item lexical torna-se gramaticalizado, pois as construções com itens lexicais também podem tornar-se gramaticalizadas. Martelotta (2011, p. 109-112), apresenta as seguintes forças motivadoras da gramaticalização: a) necessidade de expressar

domínios abstratos da cognição em termos de domínios concretos; b) negociação do sentido por falante e ouvinte no ato da comunicação; c) tendência dos ouvintes para selecionar estruturas ótimas; d) tendência dos falantes para usar expressões novas e extravagantes; e) iconicidade, marcação e frequência. O processo de gramaticalização tem como princípio cognitivo a exploração de velhas formas para novas funções (WERNER; KAPLAN, 1963), o que faz com que conceitos concretos sejam movimentados para o entendimento de um elemento menos concreto. Assim, os falantes e ouvintes, devido às assimetrias de suas experiências, negociam e adaptam funções e formas para o sucesso da troca comunicativa, permitindo que a língua altere os seus padrões discursivos e a sua contraparte mental. Segundo Heine et al. (1991), torna-se possível expor o processo de gramaticalização por meio do grupo de categorias conceptuais, de acordo com uma escala de abstração crescente, em que cada elemento seguindo um percurso unidirecional se liga a outro elemento a direita por meio de “flechas” (“>” leia-se “passa para”), resultando no que muitos pesquisadores chamam de “metáforas categoriais”: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Para os autores, essas categorias representam um domínio de conceitualização relevante para a estruturação da experiência humana. Martelotta (2008) ilustra essa escala de abstratização, em português, por meio de exemplos, com a palavra “braço” que indica uma parte do corpo e passa a designar um objeto como “braço da cadeira”, uma atividade, como em “braçada”, uma medida de espaço, como em “uma braça” e uma qualidade, como em “Ele é meu braço direito”. Essas categorias representam uma variedade de conceitos definidos perceptual e linguisticamente. Podemos compreender não ser necessário que o elemento linguístico tenha que cumprir todo o caminho indicado pela escala, apresentando cada sentido, mas sim que um dado relativo a qualquer desses domínios da trajetória pode ser empregado para expressar qualquer outra entidade à sua direita. Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) propuseram também uma trajetória de mudança semântica que um item linguístico tenderia a seguir até chegar no status de conectivo: ESPAÇO > TEMPO > TEXTO. Segundo Martelotta (2003), esse esquema apresenta uma trajetória unidirecional de mudança, que é frequente nas línguas humanas; trajetória que leva advérbios de lugar a desempenharem funções típicas de conjunção, podendo ou não ter apresentado intermediariamente valor temporal. Vale ressaltar que os limites entre as categorias não são aparentemente definidos, existindo um

continuum entre elas. Desse modo, no processo de gramaticalização, pode acontecer estágios de ambiguidade em que uma palavra ou construção pode fazer parte de duas categorias ao mesmo tempo. Heine et al. (1991.), assim como a maioria dos estudiosos funcionalistas, afirmam que o princípio da unidirecionalidade, permite que as formas passando por gramaticalização tendem a adquirir significados cada vez mais abstratos, não ocorrendo o contrário.

■ MEM

ICONICIDADE [*iconicity*]

Um dos princípios fundantes do Funcionalismo, a iconicidade se refere à correlação motivada entre o formato e a função dos itens linguísticos, ou seja, entre “o código linguístico (expressão) e seu designatum (conteúdo)”, tal como apresentam Maria Angélica Furtado da Cunha, Marcos Antonio Costa e Maria Maura Cezario (2015, p. 21-22). Para o Funcionalismo, a arbitrariedade linguística, assumida por Saussure e pela corrente estruturalista, é o resultado do desgaste da motivação icônica, que advém da convencionalização crescente dos itens linguísticos à medida que estes vão, via repetição, se fixando nas práticas interacionais. Esse processo reiterativo faz com que os usuários vão perdendo a conexão original vinculadora do formato e da função. Nesse sentido, fica o código linguístico, como estrutura ritualizada, cada vez mais polissêmico, podendo chegar à arbitrariedade. No debate clássico entre iconicidade e arbitrariedade, que tem início ainda na antiguidade clássica, os pesquisadores funcionalistas resgatam a proposta taxonômica de Charles Sanders Peirce (1940), para quem a iconicidade pode ser assumida sob duas perspectivas, passíveis de serem investigadas à luz do Funcionalismo linguístico: a imagética e a diagramática. Na perspectiva icônica imagética, o autor defende que há correlação motivada entre um item e seu referente, assim, nas manifestações artísticas, por exemplo, como pintura, escultura, música e dança, pode se revelar a iconicidade imagética; no uso linguístico, principalmente no léxico, a iconicidade imagética pode ser detectada em substantivos compostos como beija-flor e louva-a-deus, entre outros, cuja composição expressa o animal referido. Já na perspectiva diagramática, como o próprio rótulo sugere, Peirce (1940) propõe que há signos linguísticos que se organizam iconicamente, e essa organização interessa de perto aos linguistas funcionalistas, que se voltam para estabelecer e investigar os critérios em que se dá e opera a iconicidade diagramática. Os pesquisadores funcionalistas assumem que, principalmente nos usos iniciais ou inovadores, há correspondência mais evidente entre o formato e a função e que, por conseguinte, as estruturas da língua mais recentes refletem as vivências ou experiências dos usuários, ou seja, são mais icônicas. De acordo com Dwight Bolinger (1977), as estruturas morfossintáticas e suas funções exibem isomorfismo, que é a correspondência entre seu formato e suas funções semântico-pragmáticas. Na mesma linha icônica e na perspectiva construcional mais recente assumida pelo Funcionalismo de vertente norte-americana, William Croft (2001) afirma que toda

construção gramatical reflete, em maior ou menor grau, o conceito que expressa. Via de regra, tal correspondência, por conta da rotinização e da convencionalização cotidiana dos rituais da interação, vai sendo perdida, o que deriva na arbitrariedade exibida pelos referidos itens. É de autoria de Talmy Givón (1984) a proposta mais clássica do Funcionalismo para dar conta do princípio da iconicidade diagramática. Conforme o autor, esse princípio desdobra-se em três subprincípios que se inter-relacionam: quantidade, proximidade e ordenação linear. Segundo o subprincípio da quantidade, quanto maior ou mais relevante for uma informação, maior será a quantidade da estrutura correspondente; assim, se estabelece motivação entre complexidade de forma e complexidade de conteúdo. De acordo com o subprincípio da proximidade, também nomeado de integração, conteúdos mais próximos no nível cognitivo e que são concebidos como uma unidade de sentido, tendem a se organizar formalmente próximos também, como um *chunk*, nos termos de Joan Bybee (2010); pela proximidade, é possível postular que “o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto”, como assumem Maria Angélica Furtado da Cunha, Marcos Antonio Costa e Maria Maura Cezario (2015, p. 24). Por fim, o subprincípio da ordenação linear prevê que conteúdos mais relevantes ou ainda que fazem parte da cadeia tópica tendem a ocupar posição inicial na ordem sintática; nesse sentido, a disposição dos elementos em frases e orações se organiza conforme sua importância ou tematização, ou seja, a disposição sintática dos constituintes não é aleatória. A exemplificação da aplicabilidade dos três subprincípios icônicos postulados por Talmy Givón (1984) é feita a seguir, a partir da parte inicial da narrativa de experiência pessoal escrita por Carlos, aluno do último ano de curso universitário. O texto é apresentado tal como escrito no original. Esse fragmento pertence ao banco de dados *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal, organizado por Maria Angélica Furtado da Cunha (1998, p. 44): “Eu ia para Pium em um jipe sem capota, aqueles de praia, com o meu irmão, meu pai, a empregada, que ia grávida, e o motorista. Fui pela manhã e quando cheguei lá o pessoal tomou umas cervejas o dia todo, quando foi à tarde, quase à noite nós saímos de Pium e quando vínhamos na BR 101 próximo à fábrica Soriedem aconteceu o acidente. Nós vínhamos à esquerda da BR e um ônibus da empresa Nordeste pediu para ultrapassar, porque as ultrapassagens são feitas pela esquerda (...)”. Nesse pequeno trecho, pode ser detectada a atuação da iconicidade diagramática em muitos aspectos. A título de ilustração, são

destacadas algumas dessas manifestações. Pelo subprincípio da quantidade são dadas informações mais pormenorizadas não conhecidas pelo interlocutor, como o veículo em que vinha Carlos (um jipe sem capota, aqueles de praia), bem como o fato de que havia uma mulher grávida no veículo (a empregada, que ia grávida). Levando-se em conta que Carlos narra um acidente na estrada, ambas as informações fornecidas (o jipe sem capota e uma passageira grávida), destacadas iconicamente pelo subprincípio da quantidade, concorrem para incrementar a gravidade do acidente. De outra parte, a quantidade menor de informação pode ser exemplificada com a expressão o pessoal, que atua como referência pronominal anafórica dos ocupantes do jipe listados anteriormente e, assim, já conhecidos pelo interlocutor. No que concerne ao subprincípio da proximidade ou integração, é possível constatá-lo na lista dos ocupantes do veículo, que compõem, de fato, um só grupo de viajantes e que aparece pela primeira vez em: meu irmão, meu pai, a empregada, que ia grávida, e o motorista. Esse subprincípio também pode ser usado para interpretar a forma pela qual Carlos faz a localização da rodovia onde houve o acidente: vínhamos na BR 101 próximo à fábrica Soriedem. Assim, além da rodovia, o locutor situa o ponto mais preciso onde tudo ocorreu. Quanto ao subprincípio da ordenação linear, pode ser exemplificado pela sequência em que Carlos organiza os fatos ocorridos. Por se tratar de um fragmento de tipo narrativo, a linha temporal é básica para que o relato seja veiculado pelo locutor. Essa linha pode ser iconicamente identificada no uso ordenado de termos verbais no pretérito perfeito na sequência: Fui pela manhã > cheguei lá > nós saímos > aconteceu o acidente, que compõe o fio narrativo. Nesse sentido, diz-se que o fato narrado corresponde iconicamente ao fato ocorrido. Como se observa na sequência temporal ilustrada, no último evento (aconteceu o acidente) a ordenação sintática é Verbo-Sujeito, contrariando a sintaxe canônica do português Sujeito-Verbo. Tal alteração sintática pode também ser explicada em termos icônicos, uma vez que: a) o sujeito o acidente não é o tema até então tratado, que residia na primeira pessoa (Carlos) e nos demais passageiros do jipe; b) o acidente não porta traços básicos da categoria sujeito, uma vez que não é humano e nem agentivo.



METAFUNÇÃO [*metafunction*]

As funções linguísticas dependem de escolhas, não apenas das palavras propriamente, também como determinadas funções são realizadas, nas opções específicas das próprias palavras. Sendo assim, o significado é sempre mais do que a soma das palavras individuais, por isso, faz-se necessário identificar como realizar uma descrição gramatical que inclua uma explicação dos significados das mensagens como um todo, ao invés de considerar somente as palavras isoladamente. Assim, através das escolhas das palavras, é possível se referir a diferentes tipos de objetos, ideias, estados e eventos no mundo. Essas diferenças são importantes e precisam ser consideradas na análise gramatical. A esse respeito, existem três tipos de significados que são reconhecidos, e expressam diferentes aspectos na oração. **A língua** pode ser usada para falar a respeito de **nossas experiências no mundo**, para descrever eventos e estados e as entidades que as envolve. Também usamos a língua para interagir com outras pessoas, estabelecer e manter relações com essas, influenciar comportamentos, e expressar posicionamentos, dentro outros. E finalmente, recorreremos a língua para organizar nossas mensagens de modo que indicamos como essas se relacionam com outras mensagens no seu entorno, também no **contexto** mais amplo no qual nos expressamos. Esses três significados são referidos por Michael Halliday como metafunções, e estão relacionadas a alguns componentes linguísticos, destacando como esses se integram na gramática. Essas metafunções são as seguintes: ideacional, interpessoal e textual. O componente interpessoal da gramática é a parte em que descrevemos as opções que temos para expressar significados em relação ao outro. Assim, cada componente tem seus sistemas próprios de escolhas, com categorias específicas a serem consideradas na análise sistêmico-funcional. Na perspectiva ideacional, destacamos as categorias: Ator, Processo e Meta. Na oração: Bosco comprou um computador, o Ator é Bosco, o processo é comprou, e um computador é a Meta. Na perspectiva interpessoal, destacamos as categorias: Sujeito, Predicador e Adjunto, na oração: O computador foi comprado por Bosco, O Computador é o Sujeito, comprado é o Predicador, e por Bosco é o Adjunto. Na perspectiva textual, destacamos as categorias Tema e Rema, na oração Bosco comprou um computador, Bosco é o **Tema**, e comprou um computador é **Rema**. Consoante ao exposto, existem três tipos de estruturas na oração, que exercem funções distintas, uma de ordem ideacional, outra interpessoal, e a última, textual. Essa estruturação é importante, na medida

em que representamos a língua como um sistema de escolhas, na possibilidade de textualização, na instância – o que é dito – e potencialidade – o que poderia ter sido dito. Portanto, na análise sistêmico-funcional é importante determinar como as escolhas gramaticais funcionam no texto, a fim de identificar quais significados específicos na escolha gramatical, comparando também com outras opções que poderiam ter sido feitas. A função ideacional está relacionada ao ‘conteúdo’ proposicional de uma mensagem, e menos ao propósito pelo qual se emite um enunciado, isso porque usamos a língua para ‘falar’ a respeito do mundo, ou mesmo do mundo externo – coisas, eventos, qualidades etc. – ou do mundo interno – pensamentos, crenças, sentimentos etc. A esse respeito, destacamos que a língua compreende um conjunto de recursos para se referir a entidades no mundo e as maneiras que essas entidades atuam, de modo a se relacionarem umas com as outras. Em termos gerais, a língua reflete nossa visão do mundo, com foco nas ocorrências (verbos), envolvendo coisas (nomes), que podem ter atributos (adjetivos), cujo detalhes circunstanciais detalham lugares, tempo, modos etc. (advérbios). Na terminologia da linguística sistêmico-funcional, expressamos que a orações – em relação ao conteúdo – são materializadas em processos que envolvem participantes em determinadas circunstâncias. Na oração: Elas repentinamente abriram a janela, as categorias são as seguintes: elas (participante), repentinamente (circunstância), abriram (processo) e a janela (participante). Os processos são núcleos da oração, pois a essa é primordialmente ‘sobre’ o evento ou estado nos quais os participantes estão envolvidos. E os processos, por sua vez, são expressos pelos verbos da oração. A língua também serve à comunicação, de modo a possibilitar a interação entre as pessoas, essa é a metafunção interpessoal. Ela estabelece e mantém relações sociais, isso porque utilizamos a língua para negociar significados, com propósitos diversos, tais como influenciar atitudes e comportamentos, fornecer informações que o outro não dispõe, explicar nossas atitudes e comportamentos, obter informações dos outros. As trocas linguísticas, nessa perspectiva, de acordo com Michael Halliday e Cristian Matthiessen (2004, p. 108), são denominadas de ‘bens e serviços’. Assim, a troca se propõe a (1) dar: Eu mostrarei o caminho (oferecer); Estamos mais próximos (declaração); (2) demandar: Dei-me o lápis (ordem); Este é o livro? (pergunta). O oferecimento e a ordem dizem respeito aos bens e serviços, enquanto a declaração e a pergunta têm a ver com a informação. Essas categorias estão relacionadas à modalidade, a esse respeito Michael Halliday e

Cristian Matthiessen (2004, p. 110) sugerem que a língua funciona simplesmente como meio para obter propósitos cujos fins não são linguísticos. A língua, de uma perspectiva de como acontece a interação, e sobre o que está sendo ‘dito’, favorece a identificação dos aspectos organizacionais do texto. A metafunção textual é estabelecida através de, entre outros, repetições, conjunções e tematizações. A repetição ocorre através de palavras semelhantes e/ou sinonímicas, bem como de recursos gramaticais de substituição. As conjunções integram uma ou mais orações, quando o ‘falante’ decidir sequenciar orações, a fim de retomar elementos formais anteriores. A **tematização** diz respeito a estruturação da própria oração, na ordem em que os constituintes aparecem na **oração**. O tema é justamente o constituinte que aparece na primeira posição da oração, trata-se de uma informação conhecida do ‘ouvinte’. O rema é a informação que acrescenta, em linhas gerais, costuma-se afirmar que é todo o restante da oração que não é o tema. Na oração: O professor provavelmente elaborou a avaliação, O professor é o Tema, o restante da oração, provavelmente elaborou a avaliação, é o Rema. Existem diferentes tipos de Temas, dentre eles, destacamos: temas com orações declarativas: A rainha (T) visitou aquele país; orações não declarativas: O que (T) aconteceu ontem? Você (T) concluiu o artigo? Apague (T) a luz! Há também os casos nos quais os Temas são mais complexos, tal como na seguinte oração: Conforme a camada de ozônio (T1) (T2) aumentou (R2), a temperatura da terra (T3) se intensificou (R1) (R3). Alguns estudiosos, dentre eles, Sandra Thomsson (2004), defendem a possibilidade de uma quarta metafunção. Para esse, quando as orações são combinadas em escopo mais complexo, faz-se necessário explorar os tipos de relações que podem ser estabelecidas entre as orações. Essas relações costumam ser denominada de metafunção lógica, por se tratar de um componente gramatical que especifica as semelhanças e diferenças na maneira em que os pares de orações podem ser combinados. Ele argumenta ainda que as três metafunções - anteriormente apresentadas: **ideacional, interpessoal e textual** – se relacionam principalmente aos significados expressos na mensagem, enquanto a metafunção lógica se relaciona aos tipos de conexões que são estabelecidas entre as mensagens.

MODO [*mode, mood, Mood, MOOD*]

MODALIDADE [*modality*]

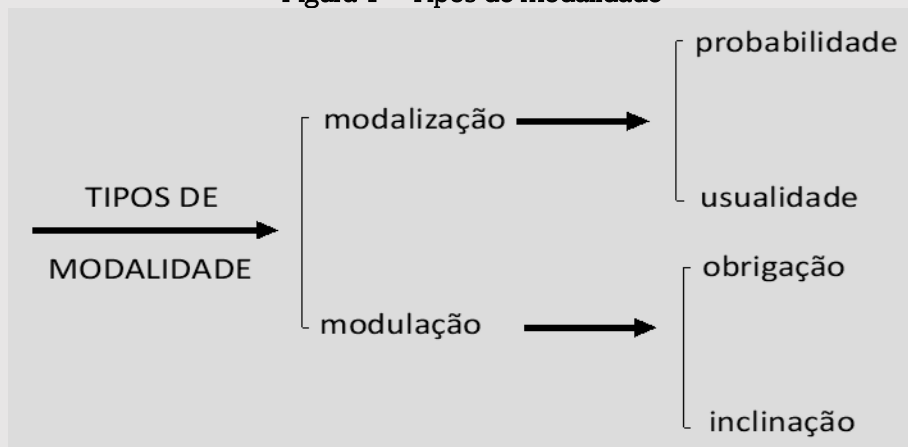
Modo e modalidade são dois termos intrinsecamente relacionados na teoria sistêmico-funcional, uma vez que, no âmbito da **metafunção** interpessoal, ambos realizam gramaticalmente na oração os movimentos interativos de um texto. Uma característica dos termos é a sua polissemia, pois ambos podem ter distintos e variados significados, a depender da função, do uso e de sua localização na teoria. Dada essa polissemia, vejamos como se caracteriza cada um deles em diferentes estratos. No estrato do **contexto de situação**, há a variável de registro modo, correspondente ao termo inglês *mode*. O modo [do contexto] é uma das três variáveis de registro, que, juntamente com as variáveis de campo e relações compreendem os três elementos usados para que se determinem a configuração de significados definidos em função da situação, logo, “qualquer situação pode ser caracterizada em termos de campo, relações e modo” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 33). Essas variáveis, podem ser consideradas, portanto, como “a base para qualquer tentativa de se desenvolver uma taxonomia de situações” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 35). No estrato da léxico-gramática, existem três as possibilidades de sentido de modo em uma oração: o modo oracional, o Sistema de MODO e o Modo verbal. O modo oracional tem por função realizar as quatro funções primárias de fala, ou seja, oferta ou comando, quando bens e serviços são trocados, e declaração ou pergunta, quando se trocam informações. Há três tipos possíveis de modo oracional: declarativo (ou indicativo), imperativo e interrogativo. Esses realizam, por sua vez, determinadas funções de fala. O Sistema de MODO é a parte da oração que desempenha a **metafunção** interpessoal. Trata-se do recurso gramatical que realiza os movimentos interativos em um diálogo. E o Modo, na oração, é o elemento da estrutura interpessoal, isto é, a **gramaticalização** de funções de fala que ocorrem em uma oração. Ele é um dos componentes do Sistema de MODO, composto pela estrutura Modo + Resíduo e é constituído, por sua vez, por dois componentes: o Sujeito e o Finito. O Sujeito é caracteristicamente realizado por um grupo nominal, podendo, no português, estar oculto ou implícito. O Finito é realizado por um grupo verbal. Halliday e Matthiessen afirmam que o Modo tem uma função semântica claramente definida, que é a de carregar o sentido da oração como um evento interativo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 150). O Modo de uma oração na língua inglesa, idioma para o qual Halliday se baseou

para a proposta de uma gramática sistêmico-funcional, inclui dois elementos: um sujeito, geralmente representado por um grupo nominal, e um Finito, que é parte de um grupo verbal, que pode expressar tempo e modalidade. Essencial assinalar o aspecto de que, na língua portuguesa, há diversas maneiras de se omitir ou ocultar o sujeito, o que, portanto, tem impacto na noção de modo. Elementos apontados por Gouveia (2010), em seu estudo sobre o modo e as opções de sistema que são típicas do português, como a ausência de um sujeito lexicalmente realizado, torna possível, em nossa língua, muitas vezes, não haver a necessidade de um substantivo ou de um pronome que exerça a função de sujeito. Dessa variedade terminológica, é importante um consenso para o uso desses termos em pesquisas e publicações e, dessa forma, chega-se ao que é apresentado por Cabral et al (2021, p. 491) na lista de termos sistêmico-funcionais para o português brasileiro, em que são elencadas cinco ocorrências do termo modo: 1. modo [parâmetro contextual], correspondente ao termo inglês mode [contextual parameter], como apresentado no estrato do **contexto de situação** acima. 2. modo [categoria verbal] tradução utilizada para o inglês mode [verbal category]; 3. sistema de MODO, em que ocorre grafado todas em maiúsculas, por se tratar de um sistema, correspondente ao termo em inglês MOOD system; 4. o Modo [verbal], que corresponde ao termo inglês Mood [verbal]; 5. modo, correspondente ao termo mood. O uso de todas as letras em maiúsculas para a possibilidade 3, e como usado anteriormente, é explicitado por Eggins como razão para “diferenciar o constituinte MODO da oração do termo geral, Modo, que descreve a estrutura geral da oração” (EGGINS, 2004, p. 149). Daí o fato de os termos na lista apresentada por Cabral et al (2021) também ocorrerem dessa forma. Modalidade, por seu turno, é um recurso linguístico interpessoal utilizado pelos produtores textuais para emitir seus julgamentos, suas atitudes ou posicionamentos em relação ao que expressam em diferentes graus possíveis. Por ser um fenômeno complexo, a modalidade é definida de várias formas por diferentes autores. Embora não seja pela perspectiva sistêmico-funcional, Palmer (1986) é um dos pioneiros no estudo da modalidade e, para este autor, ela pode ser caracterizada como a “... gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) do falante” (PALMER, 1986, p. 16). No âmbito da gramática sistêmico-funcional, existem diversas maneiras de vislumbrar esse fenômeno. Para Halliday (1992), a modalidade é concebida como uma permissão para que o falante possa interferir e assumir um ponto de vista na interação. Butt et al (2000)

afirmam que é por meio do recurso da modalidade que o produtor textual pode assinar ou moldar sua opinião em relação ao conteúdo do texto que produz. Pode ser vista, ainda, como indica Eggins (2004), como um recurso utilizado pelo produtor textual para que expresse julgamentos e atitudes. Thompson (2004) considera a modalidade como o espaço entre o sim e o não, que o autor denomina “espaço modal”. Halliday (1985) e, posteriormente, na obra revisada, Halliday e Matthiessen (2014) se baseiam nas interações cotidianas, nas quais são trocadas informações ou bens e serviços e nas quais ocorrem distintos graus possíveis entre o polo negativo e afirmativo. Segundo os autores, “O que o sistema de modalidade faz é interpretar a região de incerteza que está entre o ‘sim’ e o ‘não’” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 176). Apenas como ilustração, basta considerarmos uma oração afirmativa, como, por exemplo, Eu vou, e sua possibilidade negativa: Eu não vou. Entre o sim e o não são possíveis diferentes graus de incerteza, como por exemplo: Eu posso ir. Eu poderia ir. É possível que eu vá. Pode ser que eu vá. É importante que eu vá. Talvez eu vá. Eu tenho que ir. Eu devo ir. Eu acho que vou. Eu iria, se tivesse tempo. Dentre várias outras opções. Essas nuances de possibilidades em que o falante/escritor expressa incerteza, nuances entre o sim e o não, é o que se pode denominar modalidade. Quando modalizamos, estamos desempenhando funções de fala em nossas interações com nossos interlocutores e, nessas trocas, são intercambiados bens e serviços ou informações, na quais desempenhamos funções de fala, que podem ser classificados a partir de dois papéis: dar e solicitar, ou seja, o falante/escritor não só desempenha um papel, mas também atribui um papel a seu interlocutor na troca. Se trocamos informações, estamos no âmbito das proposições. Se trocamos bens e serviços, estamos no âmbito das propostas. Tem-se, a partir dessas possibilidades de troca de bens e serviços ou de informações, dois tipos de modalidade na gramática sistêmico-funcional: a modalização e a modulação. A modalização, referida em outras teorias como modalidade epistêmica, ocorre quando, nas trocas, há intercâmbio de informações ou de conhecimentos. A modulação, por seu turno, nomeada em outras teorias de modalidade deôntica, ocorre nas propostas, ou seja, em ofertas e comandos. Nesse âmbito, temos graus de obrigação, para os comandos e graus de inclinação para as ofertas. A rede do sistema de modalidade, apresentada em Halliday e Matthiessen (2014, p. 182), distingue quatro possibilidades no sistema: o tipo de modalidade, a

orientação, o valor e a polaridade. Focalizando apenas nas opções dos tipos de modalidade, tem-se o sistema representado na Figura 1:

Figura 1 – Tipos de modalidade



Fonte: traduzida e adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 182)

O sistema na Figura 1 revela, em suma, a partir de uma perspectiva sistêmico-funcional, levando-se em consideração que esta vertente teórica concebe a língua como um sistema sociossemiótico inerente ao processo da vida, que a modalidade deve ser vislumbrada no âmbito interpessoal dos sentidos produzidos nos textos, fazendo transparecer como cada produtor textual compromete-se com o que produz a partir de suas escolhas linguísticas. No estrato da semântica do discurso há, ainda, outras acepções envolvendo o termo modo, como, por exemplo ao tratar do modo metafórico e do modo congruente/incongruente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 713), relacionados às possibilidades linguísticas do modo metafórico de expressão. Nas acepções elencadas anteriormente, apresentaram-se as diferentes acepções de modo no estrato do contexto de situação e no estrato da léxico-gramática, na realização gramatical dos aspectos interpessoais dos textos. Além dessas acepções no escopo da sistêmico-funcional, os termos modo e modalidade foram apropriados por Kress e van Leeuwen (1996 [2006]) e utilizados na arquitetura da Gramática do Design Visual (GDV) e passaram a assumir novos sentidos ao ser relacionados ao tratamento da imagem. Modo, no âmbito da GDV, passou a se referir a um dos

aspectos da **metafunção** interativa, isto é, aquela correspondente à **metafunção** interpessoal na gramática sistêmico-funcional e que, no âmbito de uma gramática visual, é responsável pela relação entre os envolvidos na produção e leitura da imagem. Kress e van Leeuwen afirmam que os recursos visuais constroem “a natureza das relações de quem vê e o que é visto. A partir da metafunção interativa são estabelecidas estratégias de aproximação/afastamento entre produtor/leitor. Na **metafunção** interativa quatro recursos são possíveis: contato, distância social, perspectiva e modalidade. A modalidade na imagem, portanto, está relacionada ao valor de verdade e das afirmações a respeito do mundo. Por fim, é importante ressaltar que, embora seja um termo extremamente produtivo e muito relevante para os estudos em LSF e em GDV, o termo multimodalidade, presente em diversas obras sobre como os diversos modos se organizam para construir sentidos, foge ao escopo deste verbete e não será tratado aqui. Para um aprofundamento sobre esses termos e sua inserção no arcabouço teórico da gramática sistêmico-funcional, é indicada a leitura do capítulo 3, de Fuzer e Cabral (2014), em que as autoras tratam da metafunção interpessoal e desses aspectos com mais profundidade e com exemplos e, ao final do capítulo, com atividades. Também o texto de Gouveia (2009), especialmente a seção 3, além do texto do autor sobre o perfil organizacional da metafunção interpessoal em língua portuguesa, embora o texto seja produzido em língua inglesa.

■ GET

MODALIDADE [*modality*]

Para entendermos melhor o conceito de modalidade, é necessário refletir sobre o conceito de tempo e, para isso, John Lyons (1977) utiliza como exemplo o conhecimento que assumimos ter das pessoas hoje, que para nós são as mesmas que eram ano passado, ontem ou até mesmo essa manhã, muito embora o mundo no qual as conhecemos seja, em vários aspectos, diferente do mundo de agora. Neste exemplo, podemos ver o estabelecimento de uma sequência temporal entre dois mundos e é em meio a isso que surge a interpretação que temos de tempo. O estabelecimento dessa ponte entre os mundos é essencial à modalidade, por apresentar possibilidade e necessidade de acordo com a verdade de cada mundo com que se relaciona. Diante dessas verdades, ajustes concernentes àquele tempo reconciliam a eternidade da verdade com a temporalidade e a subjetividade do ponto de vista do qual nós assumimos que algo é verdadeiro, e deste modo, tanto a noção de tempo quanto a noção de verdade são importantes para a compreensão da modalidade, para que o que é possível e o que é necessário seja estabelecido. A modalidade reside, portanto, no estabelecimento subjetivo do que é possível e necessário. Além de John Lyons (1977), outros autores conceitualizam modalidade como Michael Halliday (1985), que a define como avaliação da probabilidade ou grau de evidência do que é dito; Frank Palmer (1986), como a **gramaticalização** das atitudes (subjetivas) e opiniões dos falantes; Kees Hengeveld (1988), como forma de expressão linguística utilizada pelo falante para caracterizar seu comprometimento com o que é dito; e Talmy Givón (2001), que tem a modalidade como a codificadora da atitude do falante em relação à proposição. Dentre tantas definições, nos detemos a John Lyons (1977), um dos precursores nos estudos acerca de modalidade, que juntamente com a sua caracterização básica nos traz considerações aprofundadas nos fazendo refletir sobre como nos expressamos e como as pessoas se expressam ao nosso redor. Um operador modal, por exemplo, pode ser percebido de várias formas: seja por **modulação** prosódica e paralingüística, por uso de um modo gramatical, verbos modais ou adjetivos, ou pelo uso de palavras como *perhaps* e cláusulas parentéticas como *I think*. Além disso, a modalidade pode ser expressa até mesmo por tempos verbais, caso esses estejam ligados ao modo de descrição, ao invés do modo histórico. Dentro da discussão sobre a expressão de modalidade sempre está a diferenciação pertinente modo x modalidade. Frank Palmer (1986) aponta três diferenças entre os dois conceitos:

Primeiramente, o modo é uma categoria verbal que não é aplicável a todo o sistema gramatical, enquanto a modalidade reside no interior da gramática, não necessariamente no verbo; secundamente, a escolha das funções semânticas dos modos é mais guiada por aspectos gramaticais do que mesmo modais; por último, a diferença de categorias de modo varia de língua para língua, diferente da modalidade. Bernard Pottier (1976), que estuda essa relação entre modo e modalidade, destaca que modo diz respeito às concepções de indicativo, subjuntivo e imperativo, e a modalidade, por sua vez, à expressão de volição, desejo, possibilidade, obrigação etc. Sendo assim, o modo é uma categoria gramatical que pode ser encontrada em algumas línguas, enquanto a modalidade ocorre em todas elas. Um fator que estreita mais ainda a relação entre modo e modalidade é a ligação que a categoria de modalidade tem com o futuro. Como dito, a modalidade se liga à ideia de mundos possíveis, dentre os quais há a relação com a noção de futuridade. Segundo John Lyons (1977), a capacidade de afirmar proposições num mundo futuro é a razão pela qual a referência a estados futuros são gramaticalizados na categoria de modo ao invés de tempo na maioria das línguas. John Lyons (1977) ressalta a ligação de futuro para expressar modalidade, mesmo em línguas não provenientes de línguas indo-europeias que possuem esse padrão. Para ele, o tempo futuro do inglês formado pelo verbo auxiliar *will*, originalmente utilizado para expressar intenção, não é um caso histórico isolado e acrescenta que a noção de futuridade se liga não a modalidade como um todo, mas a dois tipos de modalidade simultaneamente: tanto à modalidade epistêmica, ligada ao comprometimento do falante com a verdade da proposição, quanto à **modalidade deontica** ligada à expressão de obrigação e de permissão. Da mesma forma, associações concernentes às noções de possibilidade e obrigação também são feitas. De acordo com John Lyons (1977), em muitas línguas pelo mundo, as noções de possibilidade e obrigação são associadas ao mesmo modo não factivo, ou subjuntivo e isso também é comum ao modo de predição, suposição, intenção e desejo, como em muitas línguas indo-europeias. O subjuntivo de vontade é relacionado ao imperativo e à modalidade deontica em tratamentos tradicionais do sistema indo-europeu de modos e tempos e o subjuntivo de probabilidade ao tempo futuro e a predição. Além de demonstrar a relação existente entre essas modalidades, tais processos apresentam o tempo como ponte para essa relação. John Lyons (1977) destaca que, dado o estreitamento dessa relação no sistema gramatical de algumas línguas,

as modalidades epistêmicas e deônticas não chegam a ser diferenciadas, e o que é tratado como modo subjuntivo em línguas indo-europeias mais antigas, se gramaticalizou a partir da noção de não-factividade, podendo ter, portanto, função potencial ou predicativa. Devido a isso, encontramos verbos modais gramaticalizados em ambas, com distinção tênue entre a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica. Existem, portanto, três tipos de modalidade: alética, epistêmica e deôntica. É na modalidade alética, eixo conceptual da existência, determinante do valor de verdade dos enunciados, que há o estabelecimento do eixo do conhecimento. A modalidade epistêmica refere-se à possibilidade ou à necessidade da verdade da proposição, baseada no conhecimento e na crença. Cabe à modalidade deôntica o estabelecimento do eixo de conduta, referente à possibilidade ou à necessidade de atos executados por agentes moralmente responsáveis, relacionada à função social de permissão e de obrigação. No entanto, ressaltamos a pluralidade de classificações da categoria de modalidade, que, segundo Frank Palmer (1986), ocorre devido à falta de uma característica prototípica a cada tipo de modalidade. Para Jerzy Kurylowicz (1964), por exemplo, a modalidade epistêmica envolve subjetividade, ao contrário da modalidade deôntica. Já Michael Halliday (1970) afirma que a modalidade deôntica, na verdade, envolve o que ele chama de modulação, não se caracterizando como modalidade e atribui maior grau de subjetividade à modalidade epistêmica. Para John Lyons (1977), a modalidade epistêmica está para a possibilidade assim como a modalidade deôntica está para a necessidade. Como podemos ver, não existem variações relacionadas à modalidade alética. O que parece haver é uma espécie de concordância conceitual da modalidade alética como ponto inicial para as noções de possibilidade e de necessidade. John Lyons (1977), em sua conceptualização das modalidades, diz que a modalidade alética ainda é capaz de ser analisada. No entanto, essa é uma questão mais filosófica do que mesmo linguística. Sendo assim, detemos nossas considerações às modalidades epistêmica e deôntica. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que, de acordo com John Lyons (1977), tanto a modalidade epistêmica quanto a modalidade deôntica podem ser interpretadas de forma subjetiva e de forma objetiva (discordando da distinção proposta por Jerzy Kurylowicz (1964), uma vez que subjetividade é um ponto chave da noção de modalidade. E ainda, que existe, uma relação estreita entre os tipos de modalidade, o que não poderia ser diferente, uma vez que são conceptualizados de maneira dinâmica. Devido a esse

estreitamento na relação entre modalidade epistêmica e modalidade deôntica, John Lyons (1977) afirma que, em alguns casos, a distinção entre elas não é clara, como em “*The successful candidate will be a woman in her mid-thirties of demonstrated ability*”, no qual o modal *will* apresenta tanto características epistêmicas quanto deôntica, pois pode ser entendido tanto como predição quanto como promessa. A diferença entre as sentenças modais epistêmicas e as sentenças modais deônticas é estabelecida a partir de nosso entendimento sobre tornar algo possível que é baseado, primeiramente, nos fatores contextuais para que isso ocorra. John Lyons (1977) destaca que, não apenas no inglês, mas em muitas línguas, os predicados modais utilizados para expressar modalidade alética, epistêmica e deôntica são os mesmos, o que reforça a ideia de que a modalidade de fato é inerente a todas as línguas. Enveredando pelos tipos de modalidade, apresentamos, primeiramente, a modalidade epistêmica, que é conceptualizada de modo distinto entre filósofos e linguistas. O termo epistêmico é derivado da palavra grega conhecimento, assim como o termo epistemologia. Porém, enquanto a epistemologia se refere à fonte do conhecimento, sua natureza, a lógica epistêmica, diz respeito à estrutura lógica de sentenças que afirmam ou implicam a ciência ou a crença em uma proposição ou em um ou mais conjuntos de proposições. A **lógica epistêmica**, assim como a lógica alética, também se liga à formalização em termos da noção de mundos possíveis. Saber a verdade de uma proposição é, antes de tudo, saber em que condições ela se configura como verdade, pois conhecer o que alguém considera como verdade é conhecer o conteúdo semântico com que ele concorda. Como ressalta John Lyons (1977), essa distinção entre conhecimento e crença correta, se é que realmente existe uma, tem sido uma das preocupações da filosofia ocidental desde Platão. E é dentro desse comprometimento do falante com a verdade, por meio de conhecimento ou crença, que reside a modalidade epistêmica. John Lyons (1977) destaca o grau de comprometimento a partir do uso de dois verbos: *know* e *believe*. Ao utilizar o verbo *know*, o falante assume maior comprometimento com a verdade da proposição, pois afirma que sua crença é bem fundada e seu julgamento impecável, havendo evidências que o sustentem para que os outros acatem sua verdade. Sendo assim, qualquer predicado, seja verbo, adjetivo etc., que se comporta como o verbo *know* apresenta propriedades de factividade ou pode ser um predicado factivo, termo introduzido por Paul Kiparsky e Carol Kiparsky (1971) para ressaltar a gama de predicados factivos no inglês. A factividade é

definida como a afirmação de que alguém sabe ou não sabe que uma proposição é verdadeira, como em “*It is amazing that they survived.*” na qual o adjetivo *amazing* funciona como predicado factivo, pois parte do comprometimento de verdade de que os participantes sobreviveram, sem hesitações ou dúvidas, que são constituintes de outro conceito: a não-factividade. O conceito de não-factividade pode ser expresso pelo uso de verbos como *believe* ou *think* que não comprometem o falante nem com a verdade e nem com a falsidade da proposição. Para configurar-se como não-factivo, o exemplo factivo apresentado anteriormente poderia ser reformulado como “*I believe that they survived.*”. Como podemos ver, o verbo *believe* não atribui certeza à proposição, pois sua verdade tem como provável, e não como certa, a sobrevivência dos participantes. E, por fim, a contra-factividade, que compromete o falante não com a verdade, mas com a falsidade da proposição. John Lyons (1977) aponta como enunciados contrafactivos mais óbvios os *wishes* e os condicionais irrealis com referência ao tempo passado, como nos exemplos em “*I wish he had been to Paris.*” e “*If he had been to Paris, he would have visited Montmartre*”, respectivamente. A utilização do verbo *wish* caracteriza a proposição *he had been to Paris* como falsa, assim como essa mesma proposição serve de embasamento para reforçar o caráter falso da ida do participante a Paris, se existe de fato a crença de que ele foi ou esteve em Paris. Em suma, apesar das diferentes formas de comprometimento do falante com o enunciado, John Lyons (1977) descreve a modalidade epistêmica de forma geral como qualquer enunciado no qual o falante explicitamente qualifica seu comprometimento com a verdade da proposição expressa pela sentença que enuncia. Se essa qualificação é feita explícita no componente verbal ou no componente prosódico ou paralinguístico, é um enunciado epistemicamente modal ou modalizado. Finalmente, apresentamos o outro tipo de modalidade: a deônica. Advindo da palavra grega *deon* (aquilo que é necessário, obrigatório), o termo *deontico* é utilizado pelos filósofos para se referir a uma extensão da lógica modal: a lógica de obrigação e permissão, no entanto, os filósofos têm se preocupado com as noções de moral e conduta; já os linguistas se preocupam com o que constitui o conceito de obrigação, sem uma distinção propriamente dita entre moralidade, legalidade e necessidade física, uma vez que a relativização desses conceitos comprometeria as pesquisas linguísticas, já que podem ser categorizados e diferenciados de acordo com a cultura em que se inserem. Sendo assim, a noção de obrigação que é assumida por John Lyons (1977) é a

noção válida universalmente. A necessidade lógica e a necessidade epistêmica diferem da necessidade deôntica em alguns aspectos. Enquanto as primeiras dizem respeito à verdade das proposições, a última concerne a necessidade e a possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis, o que implica dizer que, quando uma obrigação é imposta ou uma permissão é concedida, não estamos descrevendo o passado ou o futuro dos atos, mas sim o estado de coisas que será obtido se o ato em questão for realizado. Além disso, diferentemente da necessidade lógica e da necessidade epistêmica, há uma relação estreita entre a modalidade deôntica e a noção de futuridade, já que diz respeito ao que pode ocorrer se determinado ato for realizado, se ligando, portanto, à intenção, desejo e vontade. Outra diferença marcada entre as necessidades lógica e epistêmica e a necessidade deôntica é a existência de uma fonte ou causa, da qual enunciados modalizados deonticamente procedem ou derivam. Sendo assim, na modalidade deôntica sempre há um responsável. John Lyons (1977) destaca que distinções lexicalizadas, como por exemplo as palavras certo e errado, são derivadas de um único marcador deôntico geral, que pode ser comparado a operadores de modalidade alética e epistêmica. Assim, os diferentes tipos de modalidade deôntica são diferenciados pela especificação da fonte ou causa da obrigação. Quando operadores de tempo são utilizados para marcar modalidade deôntica, podemos perceber as diferenças entre os atos mentais e ilocucionários que envolvem intenção e vontade, ligados ao futuro, e que envolvem desejos, ligados ao passado. Obviamente, não é possível desejar ou pretender que algo ocorra ou impor a obrigação de um estado de coisas em um mundo possível no passado. Dessa forma, apenas quando as condições temporais estão conformes, um enunciado pode apresentar ambiguidade ou caráter indeterminado entre modalidade lógica e epistêmica e modalidade deôntica. A modalidade deôntica é solicitada nas funções da linguagem desiderativa, para expressar desejos e necessidades, e instrumental, para conseguir que atos sejam realizados pela imposição da vontade de alguém a outros agentes, e, devido a sua derivação dessas duas funções da linguagem, diferente da modalidade epistêmica, a modalidade deôntica é baseada na necessidade. Para John Lyons (1977), essas duas funções são ontogeneticamente básicas, pois se associam com a linguagem utilizada durante o período de desenvolvimento das crianças. O uso da modalidade deôntica é aprendido antes mesmo do uso da língua, quando por meio das ações dos pais, por exemplo, as crianças aprendem o

que fazer para que suas vontades sejam atendidas e, apenas depois, passam a desenvolver clareza de que o uso da língua pode ser recurso para essa tarefa. Além da noção de obrigação, a modalidade deôntica também contempla a noção de permissão que se liga à possibilidade, assim como a própria obrigação se liga à necessidade. John Lyons (1977) ressalta que essas relações paralelas entre necessidade/possibilidade e obrigação/permissão são evidenciadas em todos os sistemas de lógica modal, e em alguns estudos, a obrigação é definida em termos de permissão, enquanto em outros a obrigação se destaca como a noção básica. Como exemplo para suas constatações, John Lyons (1977) apresenta o uso dos modais *must*, *may*, *need* e *have to* como em “*You must open the door.*”, “*You mustn’t open the door.*”, “*You may open the door.*” e “*You needn’t/don’t have to open the door.*”. Nos exemplos com *must* e *mustn’t*, podemos visualizar a relação necessidade/possibilidade dentro da noção de obrigação, uma vez que o uso do modal *must* muito se liga a obrigação, e, quando acompanhado pelo advérbio de negação *not*, pode ser entendido como proibição, como na situação em que abrir a porta certamente não é uma escolha. Contudo, nos exemplos com *may* e *needn’t/don’t have to* expressam a relação necessidade/possibilidade dentro da noção de permissão, em que o modal *may*, apesar de sua ligação com a noção de obrigação, apresenta grau menor de obrigatoriedade do que o *must*, sendo, portanto, dada ao agente a permissão e não a obrigação de abrir a porta. Finalmente, no uso tanto de *need* quanto de *have to*, é clara ao agente a inexistência de uma obrigação da necessidade de abrir a porta. Em meio a essas relações, a interpretação requisitada para o entendimento de obrigação é uma sob a qual ‘obrigar’ é levado a denotar o estado resultante de, ou iniciado por um evento ou ato prévio. A partir dessa definição, John Lyons (1977) ressalta que há uma conexão existente entre operadores deônticos de obrigação e ordens, como podemos perceber nos exemplos supracitados. Além de decretarem ordens e assegurarem a existência da obrigação, exceto o exemplo com *needn’t/don’t have to*, eles também relatam ou transmitem ordens sem comprometimento algum com a existência da obrigação, como pelo uso do discurso indireto. Essas sentenças utilizadas para relatar ou transmitir ordens nem sempre se diferem das sentenças que asseguram a existência das obrigações. John Lyons (1977) destaca que em muitas línguas, inclusive no inglês, as mesmas sentenças são utilizadas tanto para relatar ordens quanto para assegurar que uma obrigação existe, o que é algo relevante a se considerar. Dessa forma, podemos inferir que nosso

entendimento de sentenças deônticas é baseado no da força ilocucionária das ordens. Em suma, a criação de uma obrigação deve ser entendida em termos de atos de autoridade, e as sentenças deônticas, como salienta John Lyons (1977), originam-se ontogeneticamente em enunciados que relatam ou transmitem o conteúdo desses atos. Dado o propósito dos linguistas, dentro da modalidade deôntica, de tentar compreender a estrutura lógica de sentenças deônticas abstratas, podemos entender que tudo se liga à noção de obrigação que é captada na estrutura da expressão em questão. Assegurar que uma obrigação se mantém é, antes de tudo, assegurar sua existência, e o mesmo ocorre com a noção de proibição. Diante do panorama acerca da definição de modalidade, da diferenciação entre modo e modalidade e da caracterização dos tipos de modalidade, principalmente epistêmica e deôntica com base em John Lyons (1977), apontamos para um aprofundamento, além dos teóricos já brevemente mencionados, os estudos de Márcia Teixeira Nogueira (2011), Nadja Paulino Pessoa (2011) e Ana Flávia Matos Freire (2017).



SISTEMA DE CONJUNÇÃO [conjunction system]

O sistema de conjunção enfoca as interconexões entre os processos, por meio de mecanismos de **adição**, **comparação**, **sequenciamento** e **explicação**. Tais mecanismos podem ser considerados significados lógicos que relacionam atividades e mensagens sequenciadamente. Na concepção de James Martin e David Rose (2007), as **conjunções** são classificadas de acordo com as que relacionam atividades e aquelas que organizam o texto. As **conjunções externas**, segundo os autores, são aquelas que relacionam atividades, uma vez que constroem um campo para além do texto. Já as **conjunções internas** estabelecem relações dentro do próprio texto. A título de ilustração, o Quadro 01 apresenta as opções gerais de conjunções externas e, o Quadro 02, as opções gerais de conjunções internas:

Quadro 1 – Opções gerais de conjunções externas

Rel. lógica	Subtipo	significado	Marcador explícito de junção
Adição	aditivo	adição subtração	<i>and, besides, both... and nor, neither... nor</i>
Comparação	alternativo	-	<i>or, either...or, if not...then,</i>
	similar		<i>like, as if</i>
	diferente	oposição substituição	<i>whereas, while instead of, in place of, rather than</i>
		exclusão	<i>except that, other than, apart from</i>
Tempo	sucessivo	temporalidade imediate	<i>after, since, now that; before once, as soon as; until</i>
	simultâneo	-	<i>as, while, when</i>
Causa	-	expectativa	<i>because, so, therefore</i>
		concessão	<i>although, even though, but, however</i>
Meio	-	expectativa	<i>by, thus</i>
		concessão	<i>even by, but</i>
Condição	aberto	expectativa concessão	<i>if then, provided that, as long as even if, even then</i>
	fechado	-	<i>unless</i>
Propósito	anseio	expectativa concessão	<i>so that, in order to, in case even so, without</i>
	receio	-	<i>lest, for fear of</i>

Fonte: traduzido/adaptado de Martin e Rose (2007, p. 132-3)

Os tipos de conjunções externas incluem os mesmos tipos de conjunções internas, pois muitos dos itens que expressam relações internas expressam também relações externas. O diferencial está nos sentidos construídos nos textos, já que “relações internas estruturam a semiose; as externas codificam a estrutura do mundo. [...] Isso significa dizer que estas são largamente orientadas ao campo – elas codificam a organização institucional de nossa cultura. Relações internas, por outro lado, são orientadas ao gênero [...], codificando a organização do texto do modo como este é formulado para construir nossa cultura”, conforme explica James Martin (1992, p. 180). Assim como na proposta de coesão de Michael Halliday e Ruqaiya Hasan (1976), James Martin e David Rose (2007) admitem que a relação semântica de junção abrange significados ideacionais e significados interpessoais, razão por que separam as conjunções em internas e externas. O modelo de James Martin e David Rose amplia de forma minuciosa tais relações pela divisão em subcategorias mais avançadas e, ao mesmo tempo, em subcategorias mais refinadas, com caráter mais específico.

Quadro 2 – Opções gerais de conjunções internas

Rel. lógica	Subtipo	Significado	Marcador explícito de junção
Adição	desenvolvimento	adicionar	<i>further, furthermore, moreover, in addition, as well, besides, additionally</i>
		alternar	<i>alternatively</i>
	preparação	enquadrar	<i>now, well, alright, okay</i>
		desviar	<i>anyway, anyhow, incidentally, by the way</i>
Comparação	similar	comparar	<i>similarly, again</i>
		reelaborar	<i>that is, i.e., for example, for instance, e.g., in general, in particular, in short</i>
		ajustar	<i>in fact, indeed, at least</i>
	diferente	contrastar	<i>rather, by contrast</i>
Tempo	sucessivo	retratar	<i>on the other hand, conversely</i>
		ordenar	<i>first, secondly, third, next, previously</i>
	simultâneo	terminar	<i>finally, lastly</i>
		sincronizar	<i>at the same time</i>
Consequência	conclusão	interromper	<i>still</i>
		concluir	<i>thus, hence, accordingly, in conclusion, consequently</i>
Consequência	contraposição	justificar	<i>after all</i>
		dispensar	<i>anyway, anyhow, in any case, at any rate</i>
		conceder	<i>admittedly, of course, needless to say</i>
		contrapor	<i>nevertheless, nonetheless, still</i>

Fonte: traduzido/adaptado de Martin e Rose (2007, p. 141)

Apenas para que o leitor perceba como não é possível a aplicação *ipsis litteris* do modelo de James Martin e David Rose à língua portuguesa, tendo em conta que as relações de significados estabelecidas pelos marcadores não são as mesmas, apresento os exemplos de *but* dos autores (MARTIN; ROSE, 2007, p. 129): [01] *He tried to hide his wild consuming fear, but I saw it.* / Ele tentou esconder seu medo selvagem de consumo, mas eu vi. [02] *I can't handle the man anymore! But I can't get out.* / Eu não posso mais lidar com o homem! Mas eu não posso sair. Essa conjunção, em língua portuguesa, não estabelece significado de concessão, em relações lógicas de causa ou de meio, como trazido pelos autores no Quadro 1. Em nossa língua, o marcador juntivo *mas* é considerado interno, quando estabelece relação dentro do sistema de **transitividade** e externo, quando marca uma relação discursiva (por exemplo, quando é posto no início de orações para fazer referência à ideia anterior). A aproximação mais provável seria com o uso de *mas também*, que poderia, num ou noutro contexto, estabelecer uma relação não de concessão, e sim de adição. Com Orlando Vian Junior, apresentei uma discussão acerca de marcadores juntivos no interior do complexo oracional e também entre complexos oracionais em textos acadêmicos (cf. VIAN JR; MENDES, 2015). As relações lógicas de adição, comparação, tempo e consequência foram analisadas por ocasião de um estudo piloto. Chamou-nos atenção o fato de que na ocorrência selecionada como exemplo de tempo simultâneo, o marcador juntivo apresentava importante valor referencial, interativo, funcionando com mais propriedades externas: [03] ...a proposta de atividade, o que em nosso ponto de vista é bem sugestivo para a prática do professor em sala de aula. Enquanto isso, na última janela chamada de “*línea de tiempo*” verificamos a imagem abaixo [...] (VIAN JR; MENDES, 2015, p. 181). O tempo, que é geralmente compreendido como resultante e condicionador de sentidos de sequência e linearidade (passado/presente/futuro), pode ser reconfigurado nas relações de junção dentro do texto acadêmico para expressar significados mais abstratos e mais voltados às estratégias retóricas, com foco especial na manutenção da atenção do leitor. O *modus dicendi* do escritor em [03], desloca o espaço enunciativo do texto (quando envia o tempo do sistema de ideação) e traz o leitor para o espaço virtual construído pelo texto, mas para fora dele. É um explícito recurso (talvez não consciente, mas, sem dúvida, intencional) de aproximação do leitor, de conquista de adesão e, portanto, é recurso interativo – marcador juntivo externo. Isso é diferente do que se processa no tempo sucessivo, quando

o emprego dos recursos de junção se presta à ordenação de sequências no texto: [04] ... que tem ampliado o leque de interesses e desafios da área no contexto do ensino da produção escrita. Depois, discorreremos sobre o contexto e os participantes da pesquisa, fornecendo dados pormenorizados sobre o tipo [...] (VIAN JR; MENDES, 2015, p. 181). Na amostra, o emprego de depois denota uma relação tipicamente textual, sequencial, mesmo que isso não signifique necessariamente um sequenciamento de eventos dentro do sistema de **transitividade**, por exemplo. Em [04], o marcador juntivo expressa o caráter “fórico” com que são frequentemente empregadas realizações lexicogramaticais de sequenciadores de ordenação e término. Essas definições (com os exemplos que recupei) parecem-me explicar melhor as especificidades das relações de junção porque não se limitam às dicotomias (tal como o modelo da tradição). Estão para além das relações de coesão (lexical, dêitica) e se ajustam a níveis de representação/significação no discurso (realizado na/pela lexicogramática), relevando as intenções e as multifaces envolvidas no processo de mobilizar posicionamentos, de criar sentidos. Mais do que isso, o paradigma proposto se aplica à junção, desde o nível menor dos constituintes internos da oração, passando pelas relações entre elas e chegando a porções maiores, como as relações entre os complexos oracionais. Além das conjunções externas e internas, existe ainda um conjunto de conectores diferente das conjunções, denominado de continuativos, cujas opções básicas estão ilustradas no Quadro 3:

Quadro 3 – Opções básicas de continuativos

Relação lógica	Expectativa	Marcador
adição	neutra	<i>too, also, as well</i>
comparação	neutra	<i>so (did he)</i>
	menos que	<i>only, just</i>
	mais que	<i>even</i>
tempo	mais breve	<i>already</i>
	mais longo	<i>finally, at last</i>
	persistente	<i>still</i>
	repetitivo	<i>again</i>

Fonte: traduzido/adaptado de Martin e Rose (2007, p. 143)

Os continuativos parecem ter uma relação mais aproximada das relações externas, especialmente porque colaboram para a interação entre o escritor/leitor ou falante/ouvinte quando estabelecem a organização argumentativa do texto. Em

relação ao modo como as conjunções são analisadas em um texto, James Martin e David Rose (2007) propõem o emprego de diagramas com elementos diferenciados para análise da organização lógica do discurso, por meio da utilização de códigos para os diferentes tipos de conjunções e um mecanismo para explicitação das conexões entre as mensagens do texto, feito por meio da representação de setas, indicando tanto as conjunções internas quanto externas. Esse mecanismo, segundo os autores, permite ilustrar o modo como um texto se desenvolve logicamente, pela conjunção entre figuras, fases e estágios do texto.

■ JRM

SISTEMA TEMÁTICO [*thematic system*]

Na LSF, a linguagem se organiza mediante a inter-relação de três funções que constituem os propósitos principais da linguagem (HALLIDAY, 1985). São as chamadas metafunções da linguagem: a **ideacional**, a **interpessoal** e a **textual**. A **metafunção** ideacional representa ou constrói os significados de nossa experiência do mundo exterior ou interior por meio do Sistema de Transitividade. A interpessoal expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários, revelando as atitudes desses usuários para com o interlocutor e para com o tema abordado por meio do sistema de **modo e modalidade**. A textual está ligada ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema de Tema. Nessas três metafunções, a oração, unidade básica para análise léxico-gramatical, é a realização simultânea de três significados: uma representação (significado no sentido de conteúdo); uma troca (significado como forma de ação); e uma mensagem (significado como relevância para o contexto), realizados no: (i) o Sistema de **Transitividade** (Processos, Participantes e Circunstâncias) para tratar especificamente dos Processos Verbais, uma vez que nosso material linguístico de reflexão são as orações temáticas com valor circunstancial, organizadas com os Processos Verbais dizer e afirmar. Nesse sistema, cada tipo de Processo – Material, Relacional, Mental, Verbal, Comportamental e Existencial – estabelece o seu próprio esquema na elaboração de um domínio particular da experiência, em associação com Participantes específicos, de acordo com a semântica de cada um, e, opcionalmente com Circunstâncias (elementos de natureza adicional que acrescentam informações, de tempo, localização, assunto etc. Esses elementos podem apresentar-se em grupo nominal ou sob a forma de uma oração, como aquelas com as quais nos ocupamos). No caso específico dos Processos Verbais, o seu papel é de expressar formas de dizer. Um Processo Verbal típico tem como participantes inerentes um Dizente (que diz ou comunica algo), um participante Verbiagem e/ou Locução que se refere àquilo que é dito, comunicado ou apontado, o qual geralmente é realizado por um grupo nominal e/ou oração; (ii) **Sistema temático** – Tema/Rema – é um sistema da Metafunção Textual que organiza os significados ideacionais e interpessoais em mensagens; o sistema de Tema organiza a oração para mostrar o contexto local dessa em relação ao contexto geral do texto do qual fazem parte, e simultaneamente, é o ponto de partida da mensagem, o Rema é o que se diz do Tema. Como mensagens, as sentenças se organizam e convergem para a organização do texto,

estabelecendo assim uma relação de contexto local para contexto mais geral. O contexto local é o denominado Tema e o contínuo da mensagem na sentença, do qual deriva tal contexto, é o chamado Rema. Em muitas línguas, tal organização ocorre com a posição inicial do tema seguida do rema. Quando o tema, primeiro elemento da sentença e ponto de partida da mensagem, expressa algum tipo de significado experiencial, diz-se que ocorre como Tema Tópico ou Ideacional, porque está diretamente voltado ao modo como a informação está distribuída nas sentenças. O tema tópico é, tecnicamente, uma função da estrutura da transitividade na sentença, podendo ocorrer como um participante; um processo; uma circunstância. Por sua vez, o Tema Textual diz respeito às relações internas da constituição da estrutura, ou seja, as relações de natureza coesiva das sentenças. Frequentemente se realiza a partir de **conjunções**, que ligam uma sentença à outra, estabelecendo relação de dependência ou coordenação; por meio do emprego de relativos, que podem servir tanto como Tema Textual quanto Tema Ideacional, já que relacionam a sentença inicial (medial) com a seguinte (ou final), ou sob a forma oracional. Ilustra essa forma oracional a estrutura temática de orações construídas, predominantemente, com processos verbais na posição de circunstâncias preenchendo o papel de tema. Essa configuração oracional conecta um já dito com dizer de novo, atuando, então, como um importante mecanismo de coesão, pois não somente retoma, mas projeta porções textuais; essas retrospectão e prospecção se reafirmam mediante o objeto direto ou Participante 2 deste tipo de oração. Nessa organização léxico-gramatical e textual, este elemento se faz presente como um Participante 2 zero anafórico e um Participante 2 oracional ou Locução e que, neste caso específico, funciona também como Rema do complexo oracional, reforçando a hipótese de que as Orações Circunstanciais Temáticas são conectores anafóricos e catafóricos que retomam um discurso já mencionado na “tessitura textual”. Também não apenas demonstram como os escreventes as empregam visando tal objetivo, bem como o potencial reiterativo de cada constituinte dessas orações, qual seja, a dupla presença do Participante 2. Em outras palavras, as orações circunstanciais temáticas atuam, simultaneamente, colocando em pauta o assunto do complexo oracional do qual são Tema e dando continuidade ao texto do qual fazem parte, mediante a recuperação/atualização de um dizer por meio de um elemento fundamental para a realização deste movimento, de retrospectão e prospecção, o Participante 2: na retrospectão, um participante 2 zero anafórico;

na prospecção, por um Participante 2 catafórico, Locução, que se constitui no Rema da cláusula, isto é, a projeção deste já dito em um novo dizer. Nessa perspectiva, o papel dos temas circunstanciais nas orações organiza a textualidade nas quais essas orações estão presentes, entendendo a textualidade como “critério de acesso à produção de sentido” (MARCUSCHI, 2008), e coadunando-se, à luz da LSF, a qual entende que “o texto é o resultado de toda e qualquer situação de interação, isto é, é ele próprio a forma linguística de interação social, uma unidade de uso linguístico” (GOUVEIA, 2009). E em uma análise sistêmico-funcional, de qualquer unidade de uso linguístico, não se concebe separação entre os sistemas; estes se realizam na interação como uma espécie de amálgama, cujos elementos, quando dispostos como parte de um todo, são assim apresentados por razões de natureza didática e/ou metodológica. Dito isso, fica claro, portanto, que a realização das orações circunstanciais como tema ideacional ou tópico, elemento do Sistema de Transitividade, comporta uma relação comum com o Sistema Temático, ao funcionarem também como Tema Textual.

■ MES

SUBSISTEMA DE ATITUDE [*subsystem of attitude*]

À luz da Linguística Sistêmico-Funcional, o Subsistema de Atitude integra o **Sistema de Avaliatividade**, que, fazendo jus ao termo, avalia, positiva ou negativamente, um dado discurso. Em conformidade com os pressupostos de Martin e White (2005), o Subsistema de Atitude apresenta três categorias linguísticas: afeto, julgamento e apreciação, cujos itens avaliativos são percebidos nas interações cotidianas, nos usos da linguagem. Avaliar discursos na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional requer atenção aos estratos semânticos, fonológicos, lexicais e gramaticais (VIAN JR, 2009). Além disso, as avaliações podem contar, também, com aspectos subjetivos, uma vez que as questões ideológicas, as relações de poder, as condições históricas, culturais, geográficas e sociais tendem a interferir no processo de análise. Isso porque a forma como avaliamos um post do Instagram, por exemplo, nem sempre gera concordância, uma vez que um seguidor/internauta pode não conhecer o que está sendo avaliado, ou, até mesmo, apresentar uma opinião completamente divergente. Partindo dessa premissa, é pertinente ponderar que, para avaliar um discurso recorrendo à teoria do Subsistema de Atitude, é imperioso, de início, que se haja noção prévia das categorias avaliativas que compõem o subsistema. Sinteticamente, pode-se dizer que “atitude é o subsistema responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, que abrange três regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação [...]. As avaliações de **afeto**, de **julgamento** e de **apreciação** estão presentes nos textos orais ou escritos, sendo indiretamente subentendidas, pressupostas ou assumidas pelos falantes/autores. E, em muitos casos, são cuidadosamente administradas, levando em conta a possibilidade sempre presente de desafio ou contradição por parte daqueles que possuem visões diferentes” (ALMEIDA, 2010, p. 99 – 100). Em outras palavras, a avaliação de um dado discurso requer também responsabilidade enunciativa, isto é, o falante/autor/escritor, ao avaliar, deve ter ciência dos impactos e das consequências geradas, em especial quando tais avaliações implicarem em um cenário negativo. A título de ilustração, é pertinente citar a tese de doutoramento “Permanências e rupturas nos discursos femininos: Estudo Crítico na Fanpage Claudia Online” (MEIRA, 2016), defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo objetivo era analisar discursos reverberados na Fanpage Claudia Online, avaliando se a mídia digital cumpria, satisfatoriamente, a missão de informar e entreter seu público-alvo: as

mulheres. A tese, comprova que a linha editorial da Claudia, revista feminina do Grupo Abril, exerce uma forte influência em mulheres brancas, de classe média-alta, escolarizadas, que são mães e estão inseridas no mercado de trabalho, validando, assim, os propósitos sociocomunicativos da revista e da fanpage. Após essa breve elucidação, convém apresentar as três categorias que compõem o Subsistema de Atitude – **Afeto, Julgamento e Apreciação**, com suas respectivas conceituações e características. O quadro a seguir foi retirado da tese de Meira (2016) e foi elaborado com base em Almeida (2010).

Quadro 01 – Categorias, características e subdivisões do Subsistema de Atitude, no Sistema de Avaliatividade

Categoria do Subsistema de Atitude	Características e subdivisões
Afeto	<ul style="list-style-type: none">- Tem a finalidade de expressar as emoções no discurso;- “É um recurso semântico, que tem como propósito registrar sentimentos positivos ou negativos, manifestados implícita ou explicitamente: está feliz ou triste? interessado ou entediado? Mostra-se confiante ou ansioso?” (ALMEIDA, 2010, p. 103-104);- “Os sentimentos são considerados culturalmente positivos ou negativos; são o resultado de emoções; são resultantes de alguma ação externa; são gradualmente lexicalizados; envolvem intenções mais que reações” (ALMEIDA, 2010, p. 103-104).
Julgamento	<ul style="list-style-type: none">- Representa as avaliações dos falantes/autores em relação ao comportamento na sociedade (ética, moralidade – Igreja; Estado e outras instituições).- Estima social: “envolve crítica e admiração sem implicações legais (normalidade, tenacidade capacidade), isto é, são evidenciados pela cultural oral: boatos, fofocas, brincadeiras” (ALMEIDA, 2010, p. 106 – 108).- Sansão social: “implica elogio e condenação, geralmente, com implicações legais (veracidade, propriedade) e são codificados na forma escrita: regras, leis” (ALMEIDA, 2010, p. 106 – 108).
Apreciação	<ul style="list-style-type: none">- Consiste na avaliação de elementos ao nosso redor, serviços e bens do cotidiano, como filmes, CDs, shows, obras de arte, livros, recitais, casas relacionamentos e qualidade de vida, quanto à estética, forma etc. Compreende as seguintes classificações:- Reação: indica “as ações que as coisas provocam nas pessoas (impacto; qualidade)” (ALMEIDA, 2010, p. 110);- Composição: refere-se “à organização, à

	elaboração, à forma pela qual as coisas e os objetos foram construídos (proporção; complexidade)” (ALMEIDA, 2010, p. 110); - Valoração: diz respeito “ao valor que se atribui às coisas ou objetos: ‘isso valeu a pena?’” (ALMEIDA, 2010, p. 111, grifo da autora).
--	--

Fonte: Meira (2016)

Conforme o quadro apresentado, é possível afirmar que as categorias avaliativas nos permitem reconhecer a visão de mundo do pesquisador/avaliador. A partir delas, podemos registrar, linguisticamente, nossas emoções, nossa percepção de “certo” e “errado”, nosso conhecimento jurídico, além do nosso olhar crítico daquilo que nos rodeia. Assim, uma rede social, uma plataforma de streaming, uma escultura, uma canção ou, até mesmo, um simples anúncio publicitário pode ser objeto de análise à guisa da **Gramática Sistêmico-Funcional**. Em linhas gerais, aconselha-se que o funcionalista recorra ao Sistema de Avaliatividade, mais especificamente ao Subsistema de Atitude, ciente das inúmeras outras formas de avaliar um mesmo discurso, graças às questões históricas, culturais, sociais e, sobretudo, ideológicas, como já dito aqui. Outro quesito que merece atenção especial é a demarcação do lugar de fala, uma vez que a credibilidade da avaliação realizada tende a decorrer das autoridades apresentadas, responsáveis pelo sustentáculo daquilo que se é apresentado.

■ OVJ

TERMINOLOGIA [terminology]

Disciplina que estuda o léxico especializado em diferentes abordagens linguísticas e perspectivas sociais. O objeto de estudo da Terminologia é o termo técnico-científico, o que marca a identidade da área em dois enfoques distintos, a saber: teorias e análises descritivas; e aplicações terminológicas. É importante destacar que o léxico especializado difere do léxico geral. Enquanto o primeiro trata do uso de termos técnicos-científicos em domínios de especialidades, o segundo trata do uso geral do léxico. A Terminologia é referencial e especializada, visto que se refere a uma determinada área do conhecimento ou a um determinado tema restrito. Na Terminologia, o discurso utilizado é o profissional/especializado/científico, os assuntos são específicos e a situação comunicativa é mais estruturada, geralmente com normas e regras de uso de linguagem pré-estabelecidas. Como em muitas áreas (**Linguística, Lexicografia, Ciências Sociais, Pedagogia** etc.), a Terminologia é interdisciplinar por manter um vínculo próximo e estreito com muitas outras disciplinas: na Filosofia (estruturando os conceitos e formas de conhecimentos), Psicologia (teoria da percepção), Linguística (estruturação do léxico), Lexicologia (descrição e informação(ões) da(s) palavra(s)), conforme Márcio Santiago (2007). A respeito disso, Juan Carlos Sager (1990, p. 04) afirma que a Terminologia: “[...] diz respeito ao estudo e ao uso de sistemas de símbolos e signos linguísticos empregados para a comunicação humana em áreas de atividades de conhecimentos especializados. É primeiramente uma disciplina linguística [...]. Tem caráter interdisciplinar, uma vez que toma emprestados conceitos e métodos da Semiótica, Epistemologia, classificação etc. [...] Apesar de a Terminologia ter sido no passado muito mais ligada aos aspectos lexicais das línguas de especialidade, o seu escopo abrangia a sintaxe e a fonologia. No seu aspecto aplicado, a Terminologia está ligada à Lexicografia e aos usos de técnicas da ciência da informação e da tecnologia.” Acerca da aplicação da Terminologia, apresentada por Juan Carlos Sager (1990), há dois aspectos interligados: a Lexicografia; e os usos de técnicas da ciência da informação e da tecnologia, que nos permitem entender que a Terminologia pertence à linguagem não como algo homogêneo, mas, sim, sistêmico, como uma rede de conexão que se adapta às aplicabilidades lexicográficas e terminográficas. Terminologia, enquanto disciplina, tem fundamentação nos estudos de Eugen Wüster, em 1972, na Universidade de Viena, cujo objetivo é de padronizar o uso de termos técnicos-científicos para alcançar homogeneidade de comunicação em

domínio internacional, conforme Eugen Wüster (1974), o que deu origem à **Teoria Geral da Terminologia** (TGT). Embora a TGT tenha contribuído de forma positiva para os estudos terminológicos, ela foi criticada por tratar os termos como representação unívoca e monovalente de um determinado conceito. Além da TGT, há diferentes abordagens teóricas na Terminologia, quais sejam: Socioterminologia - François Gaudin (1993); Yves Gambier (1993); Jean-Claude Boulanger (1995); Teoria Comunicativa da Terminologia - Maria Teresa Cabré (1993; 1999a); e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia - Rita Temmerman (2000), que destacamos na sequência. A Socioterminologia, segundo Jean-Claude Boulanger (1995), atenuou o exagero prescritivo imposto pela TGT, objetivando a compreensão do léxico especializado com base nos usos da linguagem em sociedade. Metodologicamente, a Socioterminologia sugere que a compreensão do termo não seja apenas em seu sentido semântico, unívoco, já que é a sociedade, em seu sistema de uso da linguagem, repleta de variação linguística e funcionalidades, que apresenta as definições para um determinado termo, atendendo às necessidades informacionais dos usuários, conforme François Gaudin (1993). A **Teoria Comunicativa da Terminologia**, doravante TCT, foi desenvolvida por Maria Teresa Cabré i Castellví durante os anos de 1993 a 1999. Os principais objetivos da TCT estão delimitados em evidenciar os aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento da normalização, bem como compreender que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas, conforme Maria da Graça Krieger; Maria José Finatto (2019). Na TCT, as unidades terminológicas estão situadas em três componentes: cognitivo, linguístico e comunicativo. A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) foi proposta por Rita Temmerman, no início do século XXI, mais especificamente no ano 2000. O objetivo principal da TST é demonstrar que os termos são unidades de compreensão e de representação, funcionando em modelos cognitivos e culturais (KRIEGER; FINATTO, 2019). A TST é fundamentada pelos princípios da hermenêutica e defende que os termos estão em constante evolução, permitindo que fenômenos de sinonímia e de polissemia aconteçam no campo semântico, conforme Rita Temmerman (2000). A contribuição da TST para os estudos da Terminologia se ajusta ao fato de compreender que, embora cada termo tenha seu domínio semântico específico, as definições serão possíveis através das áreas especializadas em que estão sendo estabelecidos os seus usos, não os delimitando a apenas um só sentido, como é a

ideia da universalização do conceito. Fundamentadas nas reflexões linguísticas, textuais e comunicacionais, as abordagens teóricas da Terminologia, oriundas do final do século XX e do início do século XXI, contribuíram para ampliar as discussões acerca dos estudos do léxico, sobretudo para o léxico especializado, reverberando em suas aplicações na produção de glossários, dicionários especializados, vocabulários, bancos de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias.

■ KFN

TRANSITIVIDADE [*transitivity*]

Sob ótica da Linguística Sistêmico-Funcional, a transitividade compreende um conjunto de representações da experiência social, em que os grupos verbais se constituem como escolhas motivadas a partir de diversas situações comunicativas realizadas pelos falantes da língua. Os falantes estão imersos em diversas situações cotidianas e, por tal motivação, colocam em uso a representação de suas experiências que são codificados em textos orais e escritos. Na produção desses textos, três metafunções da linguagem (a **metafunção** ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual) são simultaneamente utilizadas na oração, conseqüentemente nos textos. Tais metafunções são componentes centrais da teoria Sistêmico-Funcional; explicam como esse modelo teórico entende e explica a linguagem em termos de categorias analíticas. sob esse viés, a oração torna-se simultaneamente, representação de escolhas linguísticas, troca como um sistema comunicacional entre os interlocutores e mensagem modo pelo qual o texto é organizado. a metafunção ideacional se organiza em duas faces distintas do significado, isto é, duas funções: a experiencial e a lógica, a primeira responsável pelo modelo de representação da realidade, a segunda, responsável pelo conjunto de cominações e escolhas de itens lexicogramaticais. A metafunção interpessoal representa como os falantes e escritores se comunicam; como apresentam informações, fazem perguntas, como interagem com outros indivíduos etc. Nessa perspectiva, a metafunção interpessoal codifica uma faceta da gramática para construir significados que especificam as experiências relacionadas aos participantes da cena de interação. Gramaticalmente, examina o sistema de Modo que analisa como são realizados os papéis interativos dos falantes escritores. A metafunção textual tem foco na realização de significado organizacional do texto, permite ao escritor/falante da língua opções linguísticas para construir os entrelaces do texto. Em outras palavras, facilita a organização do discurso, possibilitando a fruição de um texto por meio dos recursos coesivos e contribuindo na produção de diversos padrões de textos, sejam eles falados ou escritos. A metafunção ideacional representa um contínuo de ações, reações, e relações dentro do habitat social humano, essas representações se fazem na gramática da oração, esta não é apenas uma figura representando algum processo – alguns fazer ou acontecer, dizer ou sentir, ser ou ter – com seus vários participantes (sintagmas nominais) e circunstâncias (sintagmas adverbiais e/ou preposicionados), esses grupos de representação da experiência configuram e

ilustram ‘as peças’ do o sistema de transitividade. A transitividade como um fenômeno em que itens linguísticos, os processos (sintagmas verbais), participantes (sintagmas nominais), representam a experiência dos falantes e escritores nas atividades comunicativas. Esses itens, na oração, refletem as facetas das atividades dos falantes, como representando suas ações, dizeres e sentimentos no mundo. Na análise da oração, vários significados são acionados, a oração assume o valor plurifuncional, é um complexo de sentidos representativos de uma fatia da realidade vivida pelos falantes e escritores da língua. Na oração, há potencial de significados, como resultado da realização do Contexto de Cultura e de situação. O **contexto de cultura** é caracterizado como a ideia de propósito social; soma de significados, práticas sociais, relações sociais permeadas pelos indivíduos em seus grupos. O **contexto de situação** envolve situações de comunicação mais específicas, os graus de formalidade das interações comunicativas e os participantes das cenas de comunicação. A realização do Contexto de Situação acontece em suas variáveis socio semióticas – o campo, as relações e o modo especificam como as interações situacionais acontecem na linguagem. Representam como e porque as escolhas linguísticas se tornam bastante importantes para construir sentidos nos textos falados e escritos, assim, refletem o uso da linguagem em três dimensões: a ideacional (campo), a interpessoal (relações) e a textual (modo). Na variável campo, a transitividade se estabelece como o conjunto de atividades que o indivíduo realiza; manifestação de experiência, o que deve ser falado ou escrito, o tipo do texto que está sendo produzido, além disso, o campo compreende os objetivos do texto. Assim, a transitividade permite identificar as ações dos indivíduos que são expressas no discurso, no texto, nas orações, ou seja, apresenta a realidade retratada. Nesse viés, compreende-se a transitividade representação da linguagem, em que se expressa pessoas, coisas, abstrações, qualidades, estados e relações existentes nas relações internas e externas dos indivíduos. A identificação desses elementos, no texto, por conseguinte, na oração, é feita pela análise da transitividade da oração, sob a noção de quais os papéis são assumidos pelos participantes da oração (sintagmas verbais, sintagmas nominais), os quais permitem verificar em termos de relações sintáticas e semânticas quem faz o quê, quem sente o quê, A quem e em quais circunstâncias. Isto é, formam-se um conjunto de unidades semânticas que são figuras formando sequências. Os significados construídos através das escolhas lexicogramaticais estão organizados em categorias; assim como

descreve Cristian Matthias Ingemar Martin Matthiessen (2018, p. 30), quando expressa que a transitividade se constitui como uma rede de sistemas, cujo ponto de encontro é processo (sintagmas verbais), o tipo de processo que é expresso na oração, com os participantes (animados ou não) desse processo e com as circunstâncias. Em suma, a gramática organiza as informações das experiências, e estas passam a ser codificadas no âmbito da oração, conseqüentemente, expressando uma variedade de significados ideacionais e cognitivos. Comumente, valida-se destacar a transitividade sob ótica da LSF, distancia-se do modelo colocado pelas definições clássicas. No território da tradição gramatical, a os itens linguísticos são propriedades mais estáticas em que as definições acerca da transitividade são feitas com base no verbo e não na construção da oração como um complexo de significados. O verbo é o elemento central, mas cabe a ele apenas a definição de classificações padronizadas como verbos transitivos (objeto direto e indireto) e intransitivos.

■ MAF

livro II

dos causos



DEIXA PRA CHORAR DEPOIS

[Ana Flávia Matos Freire]



Falar sobre o prof. Bosco é uma tarefa difícil, principalmente, quando mais pessoas estão fazendo isso, afinal, bate aquele medo de ser repetitiva. Mas, mesmo com receio do tamanho dos bicos que já devem ter começado a tomar forma no seu rosto (porque todo mundo sabe como o senhor é), vale a pena a tentativa de apresentar o que o senhor representa para mim.

Desenvolvi o meu trabalho, ainda enquanto aluna da graduação em Letras- Inglês (UECE), acompanhando (de longe) e usando os seus estudos como norte. Depois disso, ao tomar conhecimento que o senhor estava ofertando

vagas de mestrado na UERN, resolvi estudar, enlouquecidamente, para a seleção. Até hoje do senhor no momento da entrevista. Por fim, deu tudo certo. Eu ganhei uma chance, o mestrado aconteceu e entre todos os momentos de convivência, o mais marcante para mim foi, sem dúvida, o encontro que tivemos algumas semanas antes da qualificação. Lembro-me de chegar em Assú e ir direto para a UERN. Foi lá que, em uma sala vazia e com meu trabalho projetado em uma parede, expus e discuti o que eu tinha escrito até então. O senhor começou a ler e, à medida que lia, apontava os erros: “esse aqui é da norte-americana”, ou então: “esse é da sistêmico-funcional”. Enquanto eu pensava: “meu Deus, será que um dia vou conseguir fazer essa diferenciação?”. Ao concluir a leitura, o senhor me disse que o texto estava horrível, sem condições... Eu me assustei, pois o tempo que faltava para a qualificação era curto; então, comecei

a chorar (literalmente). Nesse momento, o senhor olhou para mim e disse: “deixe para chorar depois”.

Essas palavras até poderiam ter sido duras se não tivessem vindo acompanhadas de: “o que você vai fazer é o seguinte: agora, você vai à rodoviária comprar sua passagem de volta, de lá vai para a minha casa tomar um banho, comer e aguardar até a hora da viagem de volta. Feito isso, vai voltar para a sua casa, descansar da viagem e, a partir do dia seguinte, você vai ler e escrever sobre isso que eu vou enviar. Você vai escrevendo e me enviando. Vai dar tempo. Vou ligar para o mototáxi”. E foi exatamente assim. Naquela noite, eu tive o privilégio de conhecer a sua casa, o Djow e um outro lado do prof. Bosco, até então, desconhecido por mim. Enquanto eu jantava, o senhor lia, indignado, uma dissertação. Eu não sei de quem era e também se soubesse não poderia dizer, mas foi ali que nós tivemos uma conversa que marcou o início de uma nova fase na minha vida, não só no Funcionalismo, mas na Academia. Lembro-me de falar sobre o medo de um dia ter o título de doutora e não ser digna dele e, entre algumas coisas, o senhor pontuou que ter essa preocupação e respeito pela pesquisa sempre tentando fazer o melhor era o que dava o título. E ainda complementou: “Veja o Wellington. Ele já é doutor há muito tempo” (Isso porque, na época, o prof. Wellington ainda estava cursando o doutorado).

Nós não mantivemos muito contato depois da defesa da dissertação. Devido a problemas de saúde na minha família, eu tive de dar uma pausa até, três anos depois, resolver tentar o doutorado na UFRN, e hoje, sou orientanda do prof. Edvaldo Bispo, examinador externo do meu trabalho no mestrado e que me foi apresentado pelo senhor.

Não é difícil imaginar que lhe tirei a paciência algumas vezes, é que (LOL), vez ou outra, eu “dou uma voadá” boa, mas, no fundo, sei que o senhor reconhece o meu mérito de ter sido autodidata na nossa área de pesquisa.

Nesta homenagem, tentando me distanciar dos clichês, ainda que inevitáveis, eu só queria dizer para o senhor tudo o que não consegui naquele 01 de novembro

de 2017, data da minha defesa. Infelizmente, não existe muito obrigada que dê conta porque foi mais do que um trabalho, uma orientação, foi uma companhia desde os meus 17 anos, uma inspiração. Para além dos estudos sobre Funcionalismo e Gramaticalização, com o senhor, eu aprendi sobre gentileza, simplicidade, disciplina e respeito.

Hoje, como doutoranda, ainda não sei ao certo que tipo de pesquisadora estou caminhando para ser, mas vou tentar honrar isso ao máximo, deixando, sempre, “para chorar depois” porque sei que o meu trabalho não é só meu, afinal, eu vim fazendo trabalho em dupla com o senhor desde a graduação. E, em todos eles, o senhor sempre estará presente.

ENTRE PIBIC E DOUTORADO: experiências e aprendizados

[Anikele Frutuoso]

Iniciar esta narrativa é retomar memórias de muitas faces, reviver experiências construídas ao longo de quase 9 anos. A minha história com Prof. Bosco se inicia ainda na graduação e se desdobra até o doutorado.

Aos anos de 2013, surgiu a oportunidade que, com certeza, deu o pontapé inicial na minha vida acadêmica, era a oportunidade de ser Bolsista de Iniciação Científica de um dos maiores nomes da área de Letras/Linguística (UERN), o famoso Prof. Bosco, reconhecido pelo seu trabalho docente, pelo trabalho desenvolvido na universidade por meio da pesquisa, sobretudo, reconhecido por ser uma pessoa simples, verdadeira e sábia. Na época, receosa com todas as dúvidas em entrar no universo do funcionalismo linguístico, aceitei o desafio e se deu início ao conjunto de experiências compartilhadas em orientações, participações em eventos, as idas e vindas ao PPGL-UERN para ocasião de aulas do doutorado, eu aluna, ele, orientador.

Não trago aqui nesta narrativa um momento específico em que convivi com Bosco. A história perpassa um simples enredo, são momentos guardados com carinho e muita admiração. Nossos momentos, trilham por vários desfechos tão importantes que vão da orientação dos relatórios PIBIC à defesa da tese de doutorado.



Este texto busca revelar meu reconhecimento, minha admiração eterna aquele que contribuiu sobremaneira com minha vida, minha formação, porque essas duas faces/fases não há como separar uma da outra, uma vez, que é nesses cenários acadêmicos onde consegui crescer, amadurecer a pessoa, a profissional, a pesquisadora com toda a contribuição da competência do Prof. Bosco.

Lembro-me entre as inúmeras memórias: os aprendizados na época do PIBIC, que prepuseram a pesquisa no término da graduação. Passos iniciais que aqui agradeço por todo incentivo, ensinamento, orientação.

Marca-me em toda essa trajetória, as inúmeras viagens a Pau dos Ferros (PPGL-UERN) em que as idas e vindas eram formadas por muitas risadas, às boas piadas e histórias contadas pelo professor Bosco a destino das aulas no doutorado.

Confesso que ao escrever estas memórias, a emoção se faz presente, isso porque representam tantos momentos importantes vivenciados e que me fizeram crescer da menina Bolsista até a pesquisadora/professora.

Ao professor Bosco apresento minha Gratidão por tudo que aprendi, pelas oportunidades construídas durante toda a trajetória!

BRILHANTE ALUNO, COMPETENTE PROFESSOR

[*Antônio Luciano Pontes*]

Bosco, durante a sua atuação no curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como aluno na disciplina de Fonética e Fonologia, foi considerado por mim como um aluno brilhante. Anos depois, Bosco resolveu cursar o mestrado em Linguística no PPGL da Universidade Federal do Ceará. Por sorte minha, convidou-me, mais uma vez, para ser seu orientador. De pronto, aceitei o convite. Até hoje me sinto honrado pela escolha!



Como aluno de pós, o Professor participou de vários eventos nacionais e conheceu figuras ilustres na área de Linguística Cognitivo-funcional, como Martellota, Angélica Furtado, Marcia Teixeira, Medianeira e tantos outros. Hoje ele é referência nos estudos fun-

cionalistas do Nordeste. Orientou dissertações e teses no programa PPGL, da UERN. Produziu vários artigos em periódicos e capítulos de livros. Além disso, coordenou vários projetos de pesquisa envolvendo os temas da Linguística Funcional centrada no uso.

Como professor, foi tido pelos alunos como um excelente professor. Mas não era brilhante apenas como professor, mas também excelente pesquisador. Várias publicações vieram a lume e se tornaram leituras obrigatórias, as quais, hoje, fazem parte do acervo das bibliotecas de Letras das universidades brasileiras. E o nosso querido professor realizou as obras com desempenho pleno!

SER ALUNA, SER ORIENTANDA: ciclos de vida com o Bosco

[Carla Daniele Saraiva Bertuleza]

Relembrar histórias ao lado do professor Bosco é reviver toda a minha trajetória acadêmica. Lembro-me das primeiras aulas ministradas por ele na minha turma de graduação em Letras, do silêncio e da total concentração as suas palavras, pois depois cobraria “ipsis litteris” em suas provas, que eram famosas em toda universidade.

Ser aluna do professor Bosco me proporcionou entender que o mundo das letras também exige dedicação e rigor. Ler, reler os textos sugeridos, responder aos exercícios, até um ditado, tudo planejado para compreendermos a importância do curso que escolhemos, pois seus ensinamentos não eram apenas para a Academia, mas ele ensinava também para a vida. Na graduação durante a disciplina de Tópicos de Gramática, quando consegui alcançar nota oito em sua prova e vibrei de emoção na sala como se tivesse tirado a nota máxima. Sem saber ainda, tinha ganhado junto com a nota, a oportunidade de me engajar na sua pesquisa.



O professor Bosco teve o seu Projeto de Pesquisa aprovado com direito a uma bolsa PIBIC e me fez o convite, quando eu ainda estava no 2º período do curso

de Letras, para ser sua orientanda. Fiquei sem palavras naquele momento, senti alegria, entusiasmo e medo de não corresponder à altura, mas aceitei o convite e cresci muito como pessoa e como profissional.

Ser orientanda de Iniciação Científica do professor Bosco me permitiu vivenciar atividades científicas, tais como: levantamento e estudo bibliográfico, coletas e sistematização de dados, produção de textos e apresentação de trabalhos em eventos científicos. Recordo da minha primeira apresentação em evento científico na UFCG, pois eu estava visivelmente muito nervosa, quando Bosco me olhou e disse: “você está na lua, Carla” eu não havia entendido, até que ele apontou para o computador e me mostrou que o meu nome aparecia na frente da imagem de uma lua, e aí nós rimos naquele momento, sendo que aquilo me acalmou. Foi durante a iniciação científica que eu conheci o coração imenso dele, de quem se preocupa com o outro, torce e ajuda a realizar sonhos, um lado “tioção”. Foi a partir daí que passei a chamá-lo carinhosamente de “Tio Bosco”.

Todas as experiências vividas nos anos que fui sua bolsista IC direcionaram-me a dar continuidade a minha formação acadêmica e a continuar engajada na pesquisa científica. Assim, ainda no final da graduação fiz a seleção para o Mestrado em Letras e obtive aprovação. Tive o privilégio de continuar como sua orientanda no mestrado e depois no doutorado. Além de sua orientanda fui colega de trabalho no DLV/UERN. Nada poderia ser mais valioso. Bosco despertou em mim a paixão pela Teoria Funcionalista e o desejo de aprender a aprender de forma mais aprofundada e científica. A cada nova orientação eu aprendia mais com ele, ouvia seus conselhos e críticas, buscando sempre meu crescimento pessoal e profissional. O que eu achava sempre engraçado era quando nos encontrávamos pessoalmente e depois de uma orientação ele dizia: “estude, estude, Carla”, eu prontamente respondia: “estou estudando, tio Bosco”, então ele retrucava: “É bom!”. Quem conhece o professor Bosco sabe a carga semântica desse “é bom!” (risos).

Sou grata por todo o conhecimento compartilhado em todos esses anos de convivência. Obrigada professor Bosco, por todas as valiosas lições que carregarei para sempre com grande carinho, respeito e admiração intelectual e pessoal.

A POSIÇÃO DA ENXADA/INCHADA

[*Francisca Maria de Souza Ramos Lopes*]

Quando minha emoção e minha razão, meu corpo e minha mente se debatiam, não se satisfiziam mais com os muitos lugares onde havia transitado e chegado eis que surgiu no Campus Avançado de Assu, local onde cursei graduação em Letras, o Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna (CELAELMA).

Seleção muito criteriosa, realizada no segundo semestre de 1996. Constituiu-se uma turma com trinta especializandos. Todos, docentes da educação básica, da rede pública de ensino, do estado do Rio Grande do Norte, com um trabalho de muito comprometimento nas escolas onde lecionavam. O que refletiu positivamente nas ações referentes à verticalização de nosso conhecimento.

Nesse novo caminho, deparei-me com um corpo docente constituído por especialistas, mestres e doutores. Algo que parecia irreal, posto que cursei graduação no período de 1985-1988. A época, o corpo docente era constituído por profissionais graduados.

Durante a seleção, deparei-me com o professor João Bosco. Ele era conhecido pela rigidez acadêmica. Seu jeito de falar, andar, agir, responder quando interpe-lado ou até olhar por cima do ombro, e não responder, quando a pergunta parecia sem sentido, impactavam com o modelo do tio/professor que por muitos anos se tentou transpor para o ensino superior. Alguns alunos da graduação diziam não se sentir confortável para interrogá-lo, concordar ou discordar.

Na pós-graduação, sedenta de conhecimento, ficava admirada como ele articulava bem as ideias, como conhecia tantos teóricos sobre um mesmo conteúdo ou sobre vários, como nos trazia uma multiplicidade de informações, como sabia se expressar. Ministrava umas aulas bem envolventes. Unia teoria e prática. Orientava-nos a elaborar atividades variadas, produzir materiais de ensino. Faltar uma aula dele estava fora de cogitação.

De repente, eis que em uma das crises foi necessário oficializar um atestado. Ao retornar, ele olhou-me de cima para baixo e comentou: Cuidado com as faltas. Por onde andastes?

Aprensiva, tímida, respondi: doente. Sai, sentindo o gelo que a presença dele provocava em alguns alunos, passei direto para o cantinho da janela e assisti à aula em pé. Durante o intervalo, aproximei-me do birô e justifiquei que além do problema das hernias, estava com muita anemia, havia ficado muito inchada e com dores intensas, por isso havia me ausentado. Ele disse: deve ter sido a posição da enxada¹. Fiquei envergonhada, mas sorri e ele também.

A partir de então, passamos a estabelecer outros diálogos. Ganhei dele o belo e carinhoso apelido: flor do ébano. Á época chamava-me atenção o jeito irreverente das vestes, dos calçados, do cabelo. Eu o enxergava como alguém que não se prendia as amarras sociais. Alguém em que a liberdade pulsava em sua maneira de ser e estar nesse mundo, dentro ou fora das instituições de ensino superior. Alguém que respeita o outro e exige ser respeitado, alguém que é muito responsável e que academicamente construiu uma linda história na UERN.

¹ Faz alusão ao meu esposo que possui um sítio e vive na zona rural de Angicos.

POR MAIS “SEGUNDAS SEM LEI”!

[*Guianezza M. de Góis Saraiva Meira*]

Conheci o professor Bosco quando cursei uma especialização, em 2009, em Ensino de Língua Materna, no Campus de Assú. Lembro bem que a disciplina era a queridinha dele - a Fonética - e eu vinha de uma péssima experiência com as transcrições fonéticas na Graduação. O tempo passou...

Só voltei a ter contato com Dr. Bosco – é assim que está salvo o contato dele em meu celular – quando fui removida do Campus de Patu para o Campus de Assú. Aquele que um dia fora meu professor, seria, a partir daquele momento, meu “colega de trabalho” e tudo isso era surreal para mim, é, até hoje, indescritível.



Quando a pauta é ACADEMIA, foi ele quem me deu os maiores puxões de orelha. Eis alguns exemplos: “Não se falta CONSAD”, “Você precisa publicar mais, doutor tem que mostrar produtividade”, “Num tem essa história de amigo de infância não, seja profissional e pronto!”, “Documente tudo, isso é serviço público”, “Dividir disciplina de Estágio com você? Nammmmm, minha aposentadoria já sai neste semestre, nem invente!”. Em resumo: transparência, zelo, ética e conhecimento eram suas maiores virtudes e eu aproveitei para aprender valiosíssimas lições!

Todavia, foi em um SAMBAÇO, evento popular de Assú, que nossa sintonia aflo-rou! Lembro bem do olhar de Bosco quando me viu tomar uma dose de cachaça, sambar e “descer a avenida” sem medo de ser feliz (risos). Ali, nascia uma parceria além dos muros da UERN e, naquele momento, se desenhavam novas amizades: Azul entrava em cena!

E a “segunda sem lei”? É que, depois de aposentado, o doutor adora celebrar a vida nas segundas, uma vez que, consoante às vivências dele, é o melhor dia da semana para beber, dançar, reunir amigos, comer bem e depois descansar no aconchego do lar. O convite sempre chega e quando estou gozando de férias, faço questão de acompanhá-lo.

Meu amigo Bosco, meu “amorzinho abusado”, eu, Antonio Carlos (ACM) e Azul somos imensamente gratos a Deus por partilhar com você os ‘28 de maio’ – que venham muito mais, com saúde e prosperidade -, muitos sambas, forrós, carnavais, muitas doses e, em especial, as magníficas flores que nos saúdam com “Bom dia”, embora, nos fins de semana, eu responda com “boa tarde”, já sorrindo alto, por ter certeza que você fará gracinha com o meu despertar no pingo do meio-dia. Esperamos, acima de tudo, que tenhamos muitas “segundas sem lei”.

ENTRE TAPIOCAS E ARTIGOS: amizade de doutorado

[*José Roberto Alves Barbosa*]

O início de 2004 se mostrou repleto de desafios, submissão e aprovação no Doutorado da Universidade Federal do Ceará (UFC), cuidados com uma filha pequena que havia nascido há poucos dias, e ainda a mudança para uma nova cidade, sendo desafiado a dirigir pelas ruas – algumas delas bastante estreitas – no centro de Fortaleza. As rotinas começaram a ser diferenciadas daquelas nas quais vivenciava enquanto professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), preparação e ministração de aulas, além das pesquisas e orientações.

Tornei-me aluno, passei a assumir um novo ethos, de certo modo, tive que ativar a memória de longo prazo, e retornar a anos anteriores, quando fui aluno do ensino fundamental e médio – naquela época não tinha essa nomenclatura – ou os anos que antecederam 2000, quando cursei o Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A expectativa em relação ao início das aulas no doutorado, as disciplinas a serem cursadas, bem como os colegas que iriam fazer parte daquela jornada acadêmica. Nas primeiras aulas, identifiquei um ‘sujeito’ absolutamente diferente do que se espera no contexto acadêmico. Vestia-se com um estilo próprio, trazia algumas pulseiras no punho, e um colar desses tribais.

Acabei recordando, tratava-se também de um professor da UERN, do campus universitário de Assú (RN). Era aquele a quem as pessoas chamavam simplesmente de Bosco, não costumava ter contato, nos encontrávamos esporadicamente, pelos corredores da nossa universidade, geralmente para participar de alguma reunião. Após algumas conversas, e debates na área de Linguística, senti-me um pouco deslocado, uma das palavras-chaves do seu vocabulário era ‘gramaticalização’. Havia estudado a respeito no mestrado, mas não aderi àquela abordagem, eram regras demais para minha cabeça, também não tinha interesse de mudar de ‘paradigma’, em um curso de pós-graduação naquele nível.

Mas como não conhecia os demais colegas do curso, acabei me aproximando daquelas pessoas que também estavam meio dispersas no convívio. Nas horas

de intervalo das disciplinas, saía para tomar café com tapioca recheada, Bosco se tornou uma companhia na degustação dessa iguaria. Conversamos sobre as disciplinas, os assuntos que estavam sendo estudados. Geralmente hesitava, destacava sempre que meu foco era o discurso, em uma perspectiva sociolinguística. Mas Bosco falava o tempo inteiro sobre funcionalismo e gramaticalização, e enquanto explicava os fenômenos, os ‘olhos brilhavam’. Nesse interim, me apresentou a Profa. Márcia – sua orientadora – me convenceu a me matricular em algumas das suas disciplinas.

Resultou em uma troca produtiva, pois também o convenci a se matricular nas disciplinas de discurso, ministradas pelo Prof. Nelson. O resultado foi uma simbiose acadêmica inédita, pelo menos da minha parte. Dediquei-me com afinco ao funcionalismo, e descobri a vertente de Michael Halliday, com a qual Bosco e Márcia também dialogavam. Debatia com Bosco a respeito do ethos, a condição paratópica, e outros categoria da Análise do Discurso de Dominique Mainueneau. Os seminários começaram a ser solicitados, bem como a produção de artigos acadêmicos, tanto no funcionalismo quanto nos estudos do discurso dessa tradição francesa.

Intuitivamente – e talvez por uma questão de sobrevivência – apeguei-me a Bosco, ninguém sabia de funcionalismo e gramaticalização como ele. E ele, de igual modo, foi se achegando, para darmos conta dos desafios do discurso. A experiência marcante trouxe resultados que seguem, na formação que partilhámos ao longo daqueles anos na UFC. Apresentamos vários seminários juntos, aprendi a gostar da análise funcionalista, adquiri os livros do Halliday, e passei a lê-los. A influência de Bosco sobre minha entrega ao funcionalismo linguístico foi fundamental, a forma como se entregava às análises, o domínio preciso das categorias, e a empolgação era envolvente.

Resultante desse contato, surgiu uma amizade, que seguiu para além do doutoramento. Quando retornamos para a UERN, decidimos desenvolver projetos em parceria, realizar pesquisa que integrasse gramática e discurso. Participamos de vários congressos, apresentamos trabalhos realizados em coautoria, tomamos muitos cafês em rodoviárias e aeroportos. A vivência acadêmica com Bosco contribuiu para minha maturidade enquanto pesquisador, também favoreceu ao que denomino de ‘espírito acadêmico celebrativo’. Ele me ensinou que todo

esforço deve ser investido na realização dos intentos acadêmicos, desde que ao final da conquista, a celebração seja exuberante.

Depois de seminários, apresentações de trabalhos, submissão de artigos em parcerias, sentamos para partilhar uma boa conversa, geralmente com os demais membros do grupo envolvido, e celebrar a vitória alcançada. A vida de Bosco é mesmo uma festa, sua alegria de viver é contagiante, sua capacidade de fazer piada com as 'sofrências' acadêmicas é quase automática. Às vezes, ria das minhas peripécias, também das deles, e quase sempre das nossas, a piada estava sempre pronta, mas nunca ao ponto de perder o amigo. Os anos se passaram, concluímos o doutorado em 2007, os encontros se tornaram mais esporádicos, mas celebrativos sempre que ocorreram.

Há pessoas que nos marcam para a vida inteira, devo a Bosco minha identificação e interesse pelo funcionalismo linguístico, uma área que poderia passar despercebida, na minha ânsia de enfocar o discurso na sua macrodimensão. Mas o que mais valorizo nessa experiência foi a amizade que foi construída em anos tão desafiadores, muitas diferenças foram dirimidas e atenuadas, por causa de um interesse comum, e o mais importante, a identificação com o outro. Por trás de um 'cara brincalhão' há um sujeito que sempre levou a academia com seriedade, e respeitava as pessoas pela sua dedicação e disposição de aprender.

Certamente, por isso, após sua merecida aposentadoria, é lembrado como um professor excepcional, tendo instigado a muitos, a irem após os seus passos. A Bosco, minha gratidão pelos conhecimentos partilhados, e votos de que continue iluminando vidas, por onde passa. E que os novos professores que estão sendo formados, percebam em sua prática pedagógica, uma legado digno de ser imitado. Em suma, dedicar todos os esforços em seus projetos, demonstrar rigor em suas análises, contribuir para a maturidade acadêmica dos outros. E, ao final, celebrar a vida, pois esse é o nosso bem mais importante. Viva a vida, Bosco.

DO CABELUDO JESUS-ROQUEIRO AO BOY CINQUENTINHA

[*Maria Medianeira de Souza*]



(Para Bosco, com carinho, admiração, respeito e amizade)

Era maio de 1994 e os corredores da UERN/Mossoró recebiam visitantes ainda estranhos a esse espaço e bastantes ansioso. Bem, pelo menos, nesse estado eu me encontrava. Era o concurso para a docência naquela instituição há muito, e por muitos, desejado e aguardado.

Um desses visitantes aos meus olhos se destacava: cabelos e barbas longas, alto, magro, um cigarro constantemente entre os dedos. Andava para lá e para cá, na maioria das vezes, passando as mãos na cabeleira meio loura e ondulada. Não

sei por quem ou como vim a saber: se chamava João Bosco, era de Fortaleza, concorria à vaga de Linguística, do Campus de Assu; alívio, senti, como concorrente à vaga de Língua Portuguesa do campus de Patu, porque o cabeludo fumador, meio Cristo, meio integrante do Metálica, tinha também uma cara de intelectual convincente, quando visto de perto; de longe, a cabelereira meio que o escondia, ou protegia.

Transcorreram os dias do concurso, ambos fomos aprovados e assumimos nossas funções nas respectivas unidades de lotação. Não recorro o tempo decorrido para reencontrá-lo, como colega de instituição, lembro, todavia, dos contatos acontecidos em congressos, das reuniões no Campus Central, das notícias de nossos doutoramentos. Posteriormente, com a criação do Mestrado em Letras do Campus de Pau dos Ferros e com a aprovação de Wellington Mendes, assumidamente discípulo de Bosco, para a primeira turma desse curso, o cabeludo passa a estar presente nas conversas, nas viagens para congresso e nossa aproximação é natural e amigável.

Penso que, nessa época, o cabelo já tinha diminuído de tamanho, depois cedeu lugar ao curtinho; sem os longos cabelos, sem a barba e sem o cigarro entre os dedos, foi-se a referência roqueiro-cristã; não sendo, porém, um Sansão, nada do intelectual responsável, curioso, comprometido, se perdeu. Rejuvenesceu e assim deu início às orientações no PPGL, comandou elaboração de *corpora*, prosseguiu seu sério trabalho de docência no Campus de Assu.

Porém, desse Bosco professor, orientador, servidor Do Campus de Assu, deixo que tratem seus alunos e colegas de trabalho, seus orientandos, seus colegas mais próximos. Volto-me ao Bosco amigo, colecionador de artesanato, artesão, espiritualista, exímio criador de trocadilhos, bom contador de piadas e causos, companheiro de farras e de viagens. O Bosco prestativo, solidário, bom companheiro.

Visitar sua casa é ter o privilégio de estar entre obras da cultura popular dos mais diversos feitios; privilégio também é: receber uma peça feita por ele e dessa forma tê-lo por perto sempre, assim como ser lembrada pela minha santa de devoção por ocasião de seu dia (salve, Rita); dar risada com seus trocadilhos, ainda que algumas vezes atrasada, dada a acuidade do criador, bem como, outras vezes, se enraivecer com algum exemplar mais infame (aqui devido a uma

certa ranzizice minha: perdão, cara!); gargalhar das piadas e boas histórias, beber cerveja, conversar besteira, e bater perna por aí, seja Olinda, Recife, São Paulo, Montevideú ou Lisboa.

O lugar não importa, a boa companhia e o conforto de sua presença proporcionam alegria e segurança. Inclusive quando quebrei a perna dos óculos e seu talento artesão entrou em cena para repor o pequeno parafuso com um pedaço de palito de dentes até encontrarmos uma ótica. Tudo isso, como canta Leila Pinheiro, “...ao som de um piano...” aquele pianista do café da manhã que tanto te irritava, lembra dessa, caríssimo boy?

Esse bom companheiro dos humanos também assim o é dos animais e das plantas; com carinho ímpar, ele cuida dos seus bichinhos e de suas plantas e flores. E é com flores matinais que ele, quase diariamente, chega em meus dias e me faz reviver o que descrevi aqui e o muito não registrado porque, afinal, outros colegas e amigos também farão seus relatos e, desse modo, traçaremos juntos um perfil escrito dessa enorme figura humana, desse competente profissional, desse amigo, desse ser abençoado.

Salve meu jesus-roqueiro, salve meu boy cinquentinha! Muita saúde, muita paz, muito amor e muito axé, para você, meu amigo João Bosco Figueiredo Gomes, ou simplesmente, o nosso Bosco.

Finalizado em uma tarde de 01 de março de 2023.

O PESSOAL GOSTARO?

[*Orlando Vian Junior*]

A perspicácia, a inteligência e seu jeito rápido de reagir a situações cotidianas de forma arguta e bem-humorada são características do Bosco. E já antecipo que usarei o artigo antes do nome próprio, como paulista que sou, mesmo contrariando o uso potiguar e nordestino em geral com nomes próprios sem o artigo, o que pode soar estranho para o próprio Bosco e os leitores da região Nordeste.

Como sua característica mais marcante, em todas as interações em que estivemos juntos, sempre ouvi algum chiste, piada ou alguma observação ácida ou sagaz do Bosco sobre algo ou alguém, relacionado à situação que vivenciávamos ou a pessoas nelas envolvidas. E estivemos juntos em diferentes eventos, principalmente acadêmicos, mas sempre regados a passeios e saídas para lanches, cafés, almoços ou jantares em restaurantes ou nas casas de anfitriões e do próprio Bosco, ocasiões em que esses aspectos de seu bom humor eram revelados e apreciados.

Desses encontros, e das muitas tiradas bem-humoradas, sempre me lembro dessa piada, que ouvi mais de uma vez, talvez pelo fato de os encontros não serem tão frequentes e, também, por sempre haver alguém no grupo que não a conhecia e o Bosco a recontava, com seu humor típico.

E, sem dúvida, em um grupo com um número significativo de linguistas, alunos e professores de línguas, piadas envolvendo infrações à norma culta ou questões de gramática são bastante corriqueiras e fazem parte do repertório, muitas vezes usadas como recursos didáticos para ilustrar alguma ocorrência ou regra gramatical.

Em uma dessas interações, Bosco contou essa piada em que, ao encerrar uma história sobre determinado evento acontecido, a pessoa que está ouvindo questiona o seu interlocutor: *E o pessoal gostaro?*

Em resposta, a pessoa devolve a pergunta, de forma enfática e repetindo o que lhe fora perguntado: *O pessoal gostaro? O pessoal gostaro?*

Dada a ênfase da pergunta, todos ao redor supõem que a pessoa seria corrigida em sua concordância, ao que o interlocutor responde: *O pessoal gostaro?* E, com pausa longa e dramática, responde: *O pessoal amaaaaaaro!*

O humor e o riso se instauram, portanto, pela concordância da palavra pessoal que, embora apresente uma forma singular, refere-se a um nome coletivo e denota, semanticamente, um grupo ou conjunto de pessoas ou entidades.

Em vez de *O pessoal amou*, o verbo no plural reforça a suposta inadequação de infração à norma culta e o caráter inesperado da piada e da quebra da expectativa e o que insere o aspecto cômico: ao invés de corrigir, como era o supostamente esperado, o interlocutor reforça o que, de acordo com a norma culta, seria um “erro”, cometendo a mesma infração de concordância sujeito/predicado para o pessoal gostou.

Um chiste curto e rápido que resgata o bom humor impagável de nosso colega Bosco e sua agradável e divertida companhia e sua perspicácia e sagacidade características da sua querida pessoa e suas muitas e vastas experiências com a língua portuguesa.

A AMIZADE COMO “EVENTO”

[*Victor Rafael do Nascimento Mendes*]

Conhecer o Professor Bosco foi um evento em minha vida. O ano era 2011, e eu era um jovem de 19 anos cheio de desejos para a vida acadêmica e para a vida do cotidiano. Os desejos me levaram à casa de Wellington Mendes (com quem eu iniciava um namoro), onde, em meio às festividades pau-ferrenses, acompanhado de boas conversas e cerveja, conheci o Professor Bosco.

Setembro de 2011 foi significativo para a minha memória afetiva, tanto pessoal, quanto acadêmica. Aos 04 dias desse mês, eu estava a visitar os estandes de artesanato da Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar (FINECAP), realizada pela Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros. Como eu sabia que o Professor Bosco estava na casa de Wellington Mendes, decidi comprar um boneco do Cangaceiro Lampião (feito em pano e crochê) para presentear-lo em meu primeiro contato.

Ao chegar à casa de Wellington Mendes, fui recebido pelo Professor Bosco, que gentilmente abriu o portão e me abraçou. Entreguei o presente, ele abriu, olhou e me disse que gostava de arte popular. Foi aí que percebi a nossa primeira afinidade, além das identificações de alma.

Sentados à mesa da cozinha, estavam outros professores e amigos (Medianeira Souza, Gilton Sampaio, Carlos Magno, Jailson José etc., são os que eu consigo lembrar) que compartilhavam conversas da universidade e da vida cotidiana, bebidas e comidas preparadas pelo Professor Bosco. Eu, naquela época, embora já aprovado no vestibular para o curso de Letras Português, ainda não estava matriculado em virtude de uma extensa greve em toda a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Por não me sentir no “nível do diálogo”, fiquei a maior parte do tempo em silêncio, envergonhado e apenas ouvindo.

Com o avançar das horas, alguns foram à festa de encerramento da FINECAP, restando Wellington Mendes, o Professor Bosco e eu. Foi nesse momento que eu pude ficar mais à vontade para interagir. Com a oportunidade, falamos acerca do meu relacionamento com Wellington Mendes e de como estávamos felizes

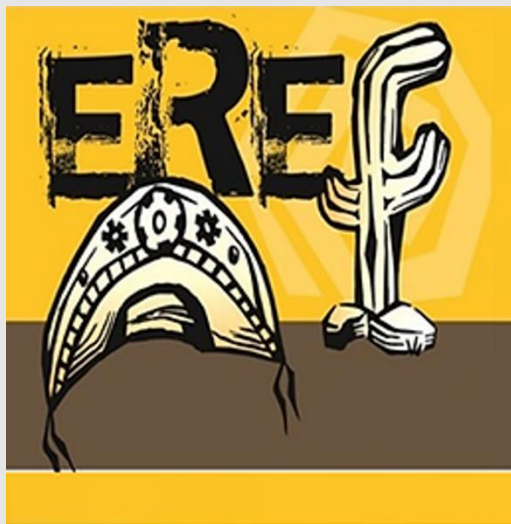
em conhecer um ao outro. A conversa ficou mais próxima e íntima, assim como os copos de cerveja!

Após as conversas de introdução às nossas vidas pessoais, caminhamos para a discussão sobre a vida acadêmica. Falei de minha ansiedade e de como eu estava desejoso que as aulas pudessem iniciar, do meu interesse em participar de grupos de estudos e de pesquisa. O Professor Bosco me ouviu, disse que eu deveria investir na pesquisa, pois esse investimento me faria diferente entre tantos estudantes comuns. Mais cerveja era servida, mais a gente conversava!

As horas foram passando. Durante a madrugada, ao som da cantora Paula Fernandes, atração principal de encerramento da FINECAP, Wellington Mendes e o Professor Bosco começaram a falar sobre a Linguística Funcional, com ênfase na abordagem Sistêmico-Funcional, da necessidade de criar um grupo de pesquisa e de como implementar uma política de estudos do funcionalismo linguístico no *Campus* da UERN de Pau dos Ferros e de Açu.

A partir desse diálogo, que foi anotado em uma folha de papel ofício por Wellington Mendes, surgiu a ideia de realizar o I Encontro Regional de Estudos Funcionalistas (I EREF). A proposta logo ganhou forma com mesas temáticas, grupos de trabalhos, palestras e minicursos. Para a logomarca do evento (ver Imagem 01), o Professor Bosco lembrou do boneco do Cangaceiro Lampião, que eu o havia dado de presente no início da noite, e disse: “- Já que o evento será regional, nada mais é representativo da identidade nordestina que o chapéu de couro do cangaceiro!”. Ideia aprovada por Wellington Mendes e brindada com cerveja. Me senti tão importante naquele momento (sorrisos)!

Imagem 01 – Logomarca do I Encontro Regional de Estudos Funcionalistas.



Fonte: Wellington Vieira Mendes (2011)².

Mais tarde, por volta das 4 horas da manhã, o sono chegou e logo tive que dormir. Acordei às 10 horas, com eles ainda bebendo e falando (talvez balbuciando, embriagados) sobre teorias, estudos, vida cotidiana e, como não pode faltar nesses momentos, um “Eu amo você!” acompanhado de lágrimas do Professor Bosco.

O I EREF aconteceu conforme foi planejado. Os anos se passaram e o Professor Bosco sempre esteve presente em minha vida: nas idas dele à Pau dos Ferros para atividade no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN), em minhas viagens à Açu e em tantos momentos que estão registrados nos anais de nossa amizade.

² Logomarca do I Encontro Regional de Estudos Funcionalistas (I EREF). Disponível em: <https://eref2019.wixsite.com/eref2013>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

Eu, na época um menino de 19 anos, sou hoje um homem de 31 anos, formado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, Mestre e Doutor em Letras pelo PPGL/UERN, com a honra, orgulho e felicidade de ter sido orientando (e ainda sou) do Professor Bosco. Nós compartilhamos dessa felicidade! Bridemos com cerveja à sua saúde, ao seu legado na UERN e ao homem de referência como professor-pesquisador! Vivas ao Professor Doutor João Bosco Figueiredo Gomes!

Imagem 02 – Alguns momentos de Victor Mendes e João Bosco.



Fonte: Arquivos de Nascimento-Mendes (2015; 2021).

A CARNE DA SEMANA

[Wellington Vieira Mendes]



Não posso precisar o dia: sei que era março de 2000. Eu já havia sabido pelos colegas que ele era uma figura muito rigorosa – “brabo” para lembrar a expressão que usaram.

Eu estava começando o Curso de Letras e naquela quarta-feira tínhamos a primeira aula de Linguística I. O Prof. Bosco entrou na sala carregando grandes volumes de livros, uma mochila no ombro e deixava transparecer que a conversa somente deveria começar depois de sua organização no bureau.

A camiseta cinza e calça moletom deixavam notar a magreza que se completava com o cabelo longo e os óculos discretos. Nenhuma palavra até a chamada nominal. E um silêncio que dava para ouvir o pulsar das veias tomava a mim e a meus 28 colegas.

Ele fez a chamada, disse quem era e a que vinha. Entregou as cópias do programa da disciplina (naquele tempo cópia impressa era quase um *tablet*) e avisou

que tinha feito a reprodução às custas de seu próprio dinheiro: - Trinta centavos! Por favor, paguem que é a carne da semana!

Depois de apresentado o programa, um colega perguntou se ele saberia escrever no quadro da sala o nome daqueles teóricos todos de que havia falado (isso é coisa que se faça?!). O olhar de resposta à provocação não sei descrever, mas confirmo que ele escreveu todos os nomes (de Saussure a Chomsky) e voltou-se para o arremate no tom mais grave que se pode ouvir: - Mas você não está querendo ficar doido logo hoje não né?

Daquela dia em diante, eu sabia que seria seu amigo para toda a vida! Eu havia encontrado alguém que ia me desafiar a ser quem sou agora!

Referências

- ALMEIDA, Fabíola. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JUNIOR, Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BOLINGER, Dwight. *Meaning and form*. Londres: Longman, 1977.
- BOULANGER, Jean-Claude. *Une lecture socio-culturelle de la terminologie*. Cahiers de linguistique sociale, vol. 18, p. 13-30, 1995.
- BUTT, David; FAHEY, Rhondda; FEEZ, Susan; SPINKS, Sue; YALLOP, Colin. *Using functional grammar: An explorer's guide* (2nd ed.). Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research, 2000.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Cortez, 2016.
- CABRAL, Sara Regina Scotta et al. *Lista de termos da linguística sistêmico-funcional em português brasileiro: léxico-gramática*. *Organon*, volume 36, número 71, p. 483-495, 2021.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La Terminología: Teoría, Metodología, Aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- CABRÉ, Maria Teresa. *Terminology: theory, methods and applications*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1999a.
- CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Maud/Faperj, 2013.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Referências

CROFT, William. *Ten lectures on construction grammar and typology*. Leiden/Boston: Brill, 2020.

DUQUE, Paulo Henrique Duque; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva*. EDUFRN, 2012.

EGGINS, Susan. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York and London: Continuum, 2004.

FERREIRA, Maristela da Silva. *A Palavra em Construção: um estudo wittgensteiniano sobre a identidade das unidades linguísticas*, 2010, Tese. Puc-SP.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine O'Connor. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of Let Alone*. *Language*, 64 (3): 501–538.

FREIRE, Ana Flávia Matos. *Os usos do gotta na construção de sentidos de textos no inglês americano contemporâneo*. 157p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). *Linguística funcional: Teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 21-48.

Referências

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. 2. ed. Sao Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GAMBIER, Yves. *Travail et vocabulaires spécialisés: prolégomènes à une socioterminologie*. In: Meta, Montreal, v. 36, n. 1, 1993.

GAUDIN, François. *Socioterminologie: des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EdUFRN, 2012.

GIVÓN, Talmy. *Syntax. A functional-typological introduction*. Volume I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques. Towards a profile of the interpersonal organization of the Portuguese clause, *D.E.L.T.A.*, vol. 26, no. 1, p. 1-14, 2010.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques; BARBARA, Leila. Tema e estrutura temática em PE e PB: um estudo contrastivo das traduções portuguesa e brasileira de um original inglês. LAEL. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil/ AELSU - University of Liverpool - United Kingdom. *DIRECT Papers* 48, 2003. Disponível em <http://lael.pucsp.br/direct>. Acesso em 21.04.2013.

Referências

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HALL, Stuart.; DU GAY, Paul. *Questions of cultural e identity*. London: SAGE Publications, 1996.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Functional diversity in language as seen from a consideration of modality and mood in English. *Foundations of Language*, 6, p. 322-65, 1970.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Part A. In.: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Language, Context and Text: a Social Semiotic Perspective*. Reimpresso pela Oxford University Press, London, 1989.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MARTIN, James Robert. *Writing science: literacy and discursive power*. London Falmer, 1993.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4th edition. New York/London: Routledge, 2014.

Referências

- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HENGEVELD, Kees. *Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish*. J. Semantics, v. 6, 1988.
- KIPARSKY, Paul; KIPARSKY, Carol. *Semantics. An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Steinberg, D. D.; Jakobovits, L. A. (Eds.) Cambridge, p. 345-369, 1971.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2nd edition. London: Routledge, 2006.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Mosé José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- KURYŁOWICZ, Jerzy. *The Inflectional Categories of Indo-European*. Heidelberg, Carl Winter, 1964.
- KURYLOWICZ, Jerzy. *The Inflexional Categories of Indo-European*. Heidelberg: Winter, 1964.
- LUCENA, Nedja Lima. *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2016. Tese. UFRN.
- LYONS, John. *Semantics*. vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MALINOWSKI, Bronisław. *Coral gardens and their magic*. London: Allen & Unwin, 1935.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

Referências

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTIN, James Robert. *English text – System and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin; KAZUHIRO, Teruya.; MARVIN, Lam. *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London/New York: Continuum, 2010.

MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie. Ancienne Honoré Champion, 1948.

MEIRA, Guianeza Mescherichia de Góis Saraiva. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. 2016. 180 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

MENDES, Wellington Vieira. *A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos*. Diálogo das Letras, vol 7, n.1 2018.

MENDES, Wellington Vieira. *As circunstâncias e a construção de sentidos no blog*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pau dos Ferros: PPGL/UERN, 2010.

MENDES, Wellington Vieira. *Mecanismos de junção em textos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal: PPGEL/CCHLA/UFRN, 2016.

MENDES, Wellington Vieira; SILVA, Francisco Canindé; SOUZA, Maria Medianeira Um lugar entre aqui e lá na fala de remanescentes quilombolas de Portalegre. In.: NUNDES, Cícero Barboza; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). *A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

Referências

- NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Modalidade e argumentação. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabiola Vasconcelos. *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura (orgs). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EdUFF, 2017.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (orgs). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015.
- PALMER, Frank Robert. *Mood an Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PEIRCE, Charles Sanders. *The philosophy of Peirce, selected writings*. In: J. Buchler. London: Kegan Paul, Trench, Tubner and Company, 1940.
- PESSOA, Nadja Paulino. Modalidade deôntica e discurso publicitário: a construção da persuasão. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabiola Vasconcelos. *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- PINHEIRO, Diogo. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. (Orgs.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- POTTIER, Bernard. *Sur la formulation des modalités em linguistique*. Language. v. 43, 1976.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa (org). *Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1. Disponível em:

Referências

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 12 de março de 2023.

SAGER, Juan Carlos. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990.

SANTIAGO, Márcio Sales. *Redes de palavras-chaves para artigos de divulgação científica da Medicina: uma proposta à luz da Terminologia*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 2. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, Francisco Canindé. *Práticas pedagógicas cotidianas na EJA: memórias, sentidos e traduções formativas*. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro/RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação, 2016.

SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Recife: UFPE, 2006, tese de doutoramento (Inédita).

SOUZA, Maria Medianeira; MENDES, Wellington Vieira. Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos. *Revista D.E.L.T.A.* [online]. 2012, vol.27, n. especial.

SOUZA, Maria Medianeira; MENDES, Wellington Vieira; FONSECA, Carlos Magno Viana. *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*. Moscoró: EDUERN, 2011. Cd-rom 4 ¾ pol.

TEMMERMAN, Rita. *Towards New Ways of Terminology Description: the sociocognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. 3rd edition. New York: Routledge, 2014.

Referências

TRAUGOTT, Elizabeth C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. C.; HEINE, Bernd. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Eckardt, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes. (eds). *Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 219-250.

VIAN JUNIOR, Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional. In.: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio Sousa (orgs.) *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014.

VIAN JUNIOR, Orlando. O sistema de Avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista D.E.L.T.A.*, v.25, p.99-129, 2009.

VIAN JUNIOR, Orlando. Os multiletramentos e seu papel no conhecimento de professores de línguas: por uma perspectiva sistêmica e complexa. *Revista DELTA.*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 351-68, 2018.

VIAN JUNIOR, Orlando; MENDES, Wellington Vieira. O sistema de conjunção em textos acadêmicos: os mecanismos de sequenciamento e de

Referências

explicação. *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras*, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 163-186, jan./jun. 2015

WERNER, Heinz; KAPLAN, Bernard. *Symbol-formation: an organismic developmental approach to language and the expression. Of thought*. New York/London/Sidney: Wiley, 1963.

WÜSTER, Eugen. *Dien allgemeine Terminologielehre – ein Grenzgebiet Zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und Sachwissenschaften*. *Linguistics*, v. 119, 1974, p. 61-106.

LEITURAS SUGERIDAS: ampliando os verbetes

- **JBY** BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Cortez, 2016.
- **CFS** FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- **MEM** MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- **TGI** GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EdUFRN, 2012.
- **MHM** HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4th edition. New York/London: Routledge, 2014.

- **GET** THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. 3rd edition. New York: Routledge, 2014.
- **KHE** HENGEVELD, Kees. *Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish*. J. Semantics, v. 6, 1988.
- **JRM** MARTIN, James Robert. *English text – System and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.
- **MES** SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Recife: UFPE, 2006, tese de doutoramento (Inédita).
- **OVJ** VIAN JUNIOR, Orlando. O sistema de Avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista D.E.L.T.A*, v.25, p.99-129, 2009.
- **KFN** KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Mosé José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

- **MAF** FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. 2. ed. Sao Paulo: Cortez, 2011.

ÍNDICE: ENTRADAS EM INGLÊS: verbetes

<i>conjunction system</i>	p. 47
<i>construction grammar</i>	p. 19
<i>culture context</i>	p. 22
<i>situation context</i>	p. 22
<i>grammaticalization</i>	p. 25
<i>iconicity</i>	p. 28
<i>metafunction</i>	p. 31
<i>modality</i>	p. 39
<i>mode, mood, Mood, MOOD</i>	p. 34
<i>modality</i>	p. 34
<i>subsystem of attitude</i>	p. 55
<i>terminology</i>	p. 58
<i>thematic system</i>	p. 52
<i>transitivity</i>	p. 61

ÍNDICE REMISSIVO

a	advérbio 45
abstração 26	afeto 55, 56,
abstratas 46	agente 45
abstratização 26	ambiguidade 27, 44
abstrato 22, 26	apreciação 55, 56
abstratos 26, 27	arbitrariedade 28, 29
ação 24, 52, 54, 56, 62	atitude 55, 56, 57
adição 47, 48, 49, 50	avaliação 33, 39, 55, 56
adjetivo 42, 43	b
adjunto 31	bitransitiva 20

c

	complexidade
	19, 20, 29, 57
campo	
20, 24, 34, 47, 48, 59, 62	concreto
	22, 26
causa	
44, 47, 49	conexão
	28, 45, 58
circunstância	
32, 53	conjunção
	26, 47, 49, 51
cláusula	
19, 39, 54	construção
	19, 20, 21, 22, 27, 29
cline	
25	contexto
	19, 31, 34, 35, 37, 49, 50, 52, 53,
codificação	62
25	
	continuum
código	19, 20, 27
28	
	coordenação
coesão	53
48, 50, 53	
	cultura
cognição	22, 23, 24, 43, 48, 62,
26	
	d
comparação	
47, 48, 49, 50	declarativo
	34

descrição 23, 31, 39, 58	extralinguístico 23, 24
diacrônico 25	f
discurso 25, 29, 37, 45, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 62	fenômeno 35, 62
	figura 61
e	
emoções 56, 57	foco 49, 61
enunciado 32, 43, 44	fonética 20
escrita 29, 50, 56	fonologia 58
estratificação 22, 23, 24	função 25, 28, 32, 34, 35, 41, 53
estruturalismo 19	funcionalismo 28, 29
experiência 22, 26, 29, 61, 62	g
	gênero 23, 48

gerativismo	interpessoal
19	31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 52, 61, 62
gramática	intralinguística
19, 20, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 57, 59, 61, 63	24
i	j
iconicidade	juízo
26, 28, 29,	35, 42, 55, 56
ideacional	l
31, 32, 52, 53, 61, 62,	leitor
ideologia	38, 49, 50
23, 24	léxico
incongruente	19, 20, 22, 28, 34, 37, 52, 53, 58, 59, 60
37	lexicogramática
instanciação	50
23	língua
intenção	19, 20, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 44, 45, 49, 61, 62
40, 44	linguagem
interação	20, 22, 23, 24, 44, 52, 55, 58, 59, 61, 62
23, 24, 29, 32, 35, 50, 54, 61	
interlocutor	
30, 36, 52	

m

oração
19, 31, 32, 36, 50, 52, 53, 61, 62,

marcação
26
63

mensagem
23, 32, 33, 52, 53, 61
ordenação
29, 30, 50

p

metafunção
31, 32, 33, 34, 38, 52, 61
português
26, 30, 34, 35

modalidade
32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41,
42, 43, 44, 45, 46, 52
potencial
24, 41, 53

morfema
19, 25
potencialidade
32

multimodalidade
38
pragmática
20

n

processo
22, 23, 25, 27, 28, 31, 32, 37, 50,
52, 53, 55, 63

normalização
59

o

proposição
39, 40, 41, 42, 43

obrigação
36, 40, 41, 43, 44, 45, 46

r

realização
22, 37, 52, 53, 54, 61, 62

registro	sujeito
24, 34	23, 24, 30, 31, 34, 35
rema	t
31, 33, 52, 53, 54	
representação	taxonomia
22, 24, 50, 51, 52, 59, 61, 62	34
s	tempo
semântica	22, 26, 27, 32, 35, 36, 39, 40, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52
19, 20, 26, 34, 37, 48, 52	terminologia
sentido	32, 58, 59, 60
19, 23, 26, 28, 29, 30, 34, 52, 54, 59	texto
significado	19, 22, 24, 26, 29, 32, 33, 34, 36, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 62
19, 20, 24, 31, 47, 48, 49, 52, 53, 61	transitividade
signo	49, 50, 52, 53, 54, 61, 62, 63
20, 24, 28, 58	u
sincrônico	uso
25	19, 20, 23, 28, 30, 34, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 54, 58, 59, 61, 62
social	
22, 24, 38, 41, 54, 56, 57, 61, 62	

v

verbo
30, 40, 42, 43, 63

Autoras



Profa. Ma. Ana Flávia Matos Freire

Professora na rede estadual de Ensino do Ceará
Membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática (D&G)/UFRN
Membro do Grupo Pesquisa em Análise Linguística e Cognição
(PALCO)/UFC

E-mail: flaviamatos_ldn@hotmail.com



Profa. Dra. Anikele Frutuoso

Docente da Faculdade do Complexo Educacional Santo André/FACESA
Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL)
E-mail: anikelefr@gmail.com

Autores(as)



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Professor Titular do PPGL – UERN

Membro-efetivo do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, da ANPOLL

E-mail: pontes321@gmail.com



Profa. Dra. Carla Daniele Saraiva Bertuleza

Docente Visitante do Departamento de Letras
Vernáculas/UERN/Assú

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Práticas Discursivas,
Linguagens e Ensino (PRADILE)

E-mail: carlabertuleza@gmail.com

Autoras



Profa. Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes

Coordenadora do ProfLetras/UERN/Assú

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Práticas Discursivas, Linguagens e Ensino (PRADILE)

E-mail: franciscaramos@uern.br



Profa. Dra. Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira

Docente Permanente do ProfLetras – UERN/Assú

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Práticas Discursivas, Linguagens e Ensino (PRADILE)

E-mail: guianeezasaraiva@uern.br

Autores(as)



Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa

Docente Permanente do Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
(PPCL/UERN)

Docente Permanente do ProfLetras – UERN/Mossoró

Email: josealves@uern.br



Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza

Docente Permanente do PPGL/UFPE

Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL)

E-mail: medianeirasouza@yahoo.com.br

Autores(as)



Profa. Dra. Mariangela Rios de Oliveira

Titular de Língua Portuguesa – UFF

Titular Visitante – UFOP

Pesquisadora 1B do CNPq

Cientista do Nosso Estado – Faperj

Líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF

E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com



Prof. Dr. Orlando Vian Junior

Professor Associado do Departamento de Letras/Inglês (UNIFESP)

Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (UNIFESP)

Email: vian.junior@unifesp.br

Autores



Prof. Dr. Victor Rafael do Nascimento Mendes

Professor da Rede Básica – SEEC/RN

Docente da Faculdade do Complexo Educacional Santo André/FACESA
Pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos Funcionalista e Análise
de Textos – EFAT

E-mail: vrnmendes@gmail.com



Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes

Coordenador e docente permanente do PPGL – UERN
Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Funcionalista e Análise
de Textos – EFAT

E-mail: wellingtonmendes@uern.com

DO 'SER' AO 'É QUE': tudo na língua é funcional

**homenagem a João Bosco
Figueiredo Gomes**

Do 'ser' ao 'é que' revela a trajetória de um pesquisador ocupado de entender a língua(gem) a partir de sistemas indissociáveis dos sujeitos que dão/criam significados/sentidos para si, para suas atividades, para criar os mundos (ainda não) percebidos. Penso que, não por acaso, boa parte do que compreendemos por funcionalismo deriva da proposição antropológica de Bronislaw Kasper Malinowski – ainda que possamos ter certas reservas em relação ao empreendimento com os nativos da melanésia. Entender a língua/linguagem por essa perspectiva significa pensar o humano na sua inteireza e que, portanto, constrói sistemas nos quais a própria língua se configura e igualmente os ressignifica. Tudo na língua é funcional!



 **CAPES**

 **EDITORA**
IF Sertão PE